



Número 67 | Junho 2026

**Cadernos do escritório Pro Monialibus**

---

Roma, Cúria Geral OFM

# Comunhão e Comunicação



---

## **cTc comunione e comunicazione**

Quaderni dell'Ufficio Pro Monialibus  
Bollettino di collegamento fra i monasteri francescani in comunione  
con l'OFM attraverso l'Ufficio Pro Monialibus

### *Sede dell'Ufficio Pro Monialibus*

Curia Generale OFM  
Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165 ROMA - Italia  
tel: +39 06 684919  
fax: +39 06 68491294  
e-mail: moniales@ofm.org

### *Sede della Segreteria di Redazione:*

Monastero Santa Chiara  
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Italia  
tel: +39 0575 630360  
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

## **REDAZIONE**

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm  
Ufficio Pro Monialibus, Roma  
Monastero Santa Chiara, Cortona

### *Hanno collaborato:*

|                     |                                    |                    |                                   |
|---------------------|------------------------------------|--------------------|-----------------------------------|
| <i>Albania:</i>     | Monastero Scutari                  |                    | Monastero S. Agata Feltria        |
| <i>Belgio:</i>      | Fed. Fiamminga S. Chiara-S. Coleta |                    | Monastero S. Severino M.          |
| <i>Brasile:</i>     | Monastero Anápolis                 |                    | Monastero Roma (S. Chiara)        |
|                     | Fed. Imaculada Conceição (OIC)     | <i>Libano:</i>     | Monastero Yarze                   |
| <i>Colombia:</i>    | Fed. Immaculata Conception         | <i>Madagascar:</i> | Monastero Ihosy                   |
| <i>Croazia:</i>     | Monastero Spalato                  | <i>Panama:</i>     | Monastero La Pintada              |
| <i>Francia:</i>     | Monastero Montbrison               | <i>Portogallo:</i> | Monastero Lisbona                 |
|                     | Monastero Ronchamp                 | <i>Spagna:</i>     | Monastero Allariz                 |
| <i>Germania:</i>    | Monastero Münster                  |                    | Monastero Cuenca (OIC)            |
|                     | Monastero Kevelaer                 |                    | Monastero Malaga                  |
| <i>Inghilterra:</i> | Monastero Hollington               | <i>Ungheria:</i>   | Monastero Szécsény                |
| <i>Irlanda:</i>     | Monastero Galway                   | <i>USA:</i>        | Monastero Alexandria              |
| <i>Italia:</i>      | Monastero Assisi S. Colette        |                    | Monastero Langhorne               |
|                     | Monastero Borgo Valsugana          |                    | Federazione Mary Immaculate       |
|                     | Monastero Bressanone               | <i>Altri:</i>      | Curia generale OFM (Roma, Italia) |
|                     | Monastero Cortona                  |                    | Fr. Boze Vuleta, ofm (Croazia)    |
|                     | Monastero Fara in Sabina           |                    | Fr. Caoimhin Ó Laoide, ofm (Eire) |
|                     | Monastero Lecce                    |                    | Fr. Russel Murray, ofm (USA)      |
|                     | Monastero Lovere                   |                    | Yolanda Rillorta (Italia)         |
|                     | Monastero Perugia (S. Erminio)     |                    | Sr. Nancy Celaschi (USA)          |
|                     | Monastero Pollenza                 |                    | Arnaud Rebondy, (Francia)         |

# Índice

|                    |   |
|--------------------|---|
| Apresentação ..... | 5 |
|--------------------|---|

## **CARTA DO ASSISTENTE GERAL**

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| Carta do Assistente Geral .....   | 7 |
| <i>Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm</i> |   |

## **VIII CENTENÁRIO DO TESTAMENTO DE SIENA**

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Homilia do Ministro Geral .....                    | 12 |
| <i>Fr. Massimo Fusarelli, ofm - Roma, Itália</i>   |    |
| Francisco de Assis... Páscoa de 1226... ..         | 15 |
| <i>Ir. François-Marie, osc - Szécsény, Hungria</i> |    |

## **«AMEM-SE SEMPRE UNS AOS OUTROS »...**

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| ...em Yarze, Líbano .....                          | 22 |
| <i>As Irmãs de Yarze</i>                           |    |
| ...no Panamá .....                                 | 29 |
| <i>Ir. Rosa Delmy Rivas de La O, osc</i>           |    |
| ...em Ihosy, Madagascar .....                      | 32 |
| <i>Ir. Marie Bernadette, osc</i>                   |    |
| ...em Ronchamp, França .....                       | 35 |
| <i>Ir. Marie Claire Sachot, osc</i>                |    |
| ...em Split, Croácia .....                         | 40 |
| <i>Ir. Maria Caterina do Amor Crucificado, osc</i> |    |
| ...em Alexandria, EUA .....                        | 45 |
| <i>Ir. Mary Chiara, pcc</i>                        |    |

## **A SERVA DE DEUS, IR. MARIA DA TRINDADE, OSC**

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Edito .....                                                                        | 48 |
| <i>Pierbattista card. Pizzaballa, Patriarca de Jerusalém dos Latinos</i>           |    |
| Causa de Beatificação e Canonização<br>da Serva de Deus<br>Maria Da Trindade ..... | 50 |



*Ir. Mariachiara Bosco, osc - Borgo Valsugana, Itália*

## EM MEMÓRIA DE...

...fr. Thomas Hartle, ofm (1944 - 2026)

...fr. Herbert Schneider, ofm (1939 - 2026) ..... 58

*Ir. M. Bernadette Bargel, osc - Kevelaer, Alemanha*

*Como um irmão*

*Ir. Chiara Benedetta Manzini, osc - Cortona, Itália..... 59*

## NÓS RECEBEMOS

Duas publicações em torno

do *Audite poverelle* nos códices de Novaglie ..... 60

*Ir. Monica Benedetta Umiker, osc - Perugia, Itália*

Somos um Povo em Caminho .....63

*Ir. Maria Ramonita M. Sison, osc - Langhorne, EUA*

50º aniversário da canonização de Santa Beatriz da Silva ..... 69

*Ir. Nuria Cano, oic - Cuenca, Espanha*

## NOTÍCIAS DO OFÍCIO PRO MONIALIBUS

Federação Flamengo “Santa Clara – Santa Coleta”, Bélgica .... 72

Federação “ Maria Imaculada”, EUA .....73

Federação “Imaculada Conceição” dos mosteiros

da Ordem da Imaculada Conceição, Brasil, ..... 74

Federação “Imaculada Maria”, Colômbia ..... 75



## Apresentação

Por ocasião da Solenidade de Pentecostes, o Ministro Geral, Frei Massimo Fusarelli, ofm, escreveu uma carta dirigida também a nós, Irmãs Clarissas, oferecendo-nos «uma palavra de síntese que nos ajude a compreender a unidade» do “centenário dos centenários” que, iniciado em 2023, chega ao seu ápice em 2026 com a celebração dos 800 anos do Trânsito de São Francisco.

«O que permanece para nós da vida iniciada com Francisco e desenvolvida ao longo do tempo por tantos irmãos e irmãs? [...] Esta vida, inserida nas diversas culturas e histórias em que estamos presentes, pode receber formas e linguagens novas, se estivermos disponíveis para reconhecê-la também nos outros». O número 67 de *Comunhão e Comunicação*, que agora apresentamos, testemunha algumas dessas formas e expressa algumas dessas linguagens “novas”. Como equipe de redação, havíamos escolhido deixar-nos guiar, neste número e nos próximos dois de *Comunhão e Comunicação*, pelas palavras do Pai São Francisco no *Pequeno Testamento* ou *Testamento de Siena* (abril-maio de 1226), síntese do legado que nos deixou como herança. As irmãs de Szécsény, na Hungria, oferecem-nos uma visão de conjunto desse texto. Da celebração comemorativa do *Pequeno Testamento*, realizada no último dia 8 de março em Siena (Itália), vocês encontrarão aqui a homilia do Ministro Geral.

As reflexões e histórias de vida enviadas pelas irmãs do Líbano, do Panamá, de Madagascar, da França, da Croácia e dos Estados Unidos reúnem-se em torno da primeira recomendação de Francisco: «Que sempre se amem uns aos outros». Nela, escreve Frei Fábio Gomes, ofm, em sua Carta, «ressoa ainda mais claramente uma profecia de esperança [...] neste tempo difícil [...], porque, se a falta de amor está na origem de todos os males pessoais, comunitários e sociais, a sua presença representa o verdadeiro remédio para todos eles».

A esse amor, Ir. Maria da Trindade deu uma forma particular. Nossa irmã, agora declarada Serva de Deus, tem seu caminho de fé e santidade brevemente delineado por Ir. Mariachiara Bosco, osc.

Queremos recordar também o amor fraterno testemunhado por dois Irmãos que, há poucos meses, viveram o seu “trânsito”



pessoal: Frei Thomas Hartle, ofm, Assistente durante vários anos da Federação Holy Name (Estados Unidos), e Frei Herbert Schneider, ofm, que, como Assistente Geral Pro Monialibus, acompanhou durante dez anos numerosas Comunidades e Federações, impulsionando também de maneira significativa esta nossa revista. Na seção “Recebemos”, acolhemos a apresentação de duas publicações sobre o *Audite Poverelle* nos códices de Novaglie (Ir. Monica Benedetta Umiker, osc), quase como um selo conclusivo do centenário recém-encerrado; o relato de uma “peregrinação às fontes do carisma” (Ir. Maria Ramonita Sison, osc); e a celebração dos 50 anos da canonização de Santa Beatriz da Silva (Irmãs Conceptionistas).

O número se encerra com os resultados de algumas Assembleias Federais. Mas não fechem esta página sem antes tomar nota do tema do próximo cTc 68: a segunda recomendação de São Francisco no *Testamento de Siena*, v. 4: «Amem sempre e observem nossa Senhora, a santa pobreza». Às irmãs e aos irmãos, a cada pessoa e às comunidades, o nosso agradecimento: juntos podemos continuar a oferecer uma pequena e grande contribuição para que a comunicação fortaleça a comunhão e a comunhão torne a comunicação mais viva.

Boa leitura!

P.S: As Irmãs Roswell nos enviaram isto: “Ao lermos o n. 66 da cTc, notamos um erro no artigo escrito pelas Irmãs do Japão. Ir. Juliana escreveu que: “Quando a comunidade, enriquecida por vocações locais, alcançou o número de seis membros, a Madre pediu ao mosteiro de Roswell, também nos Estados Unidos, a disponibilidade para enviar ao Japão duas noviças, visto que naquele momento aquela comunidade contava com cinquenta religiosas!”.

A nossa comunidade nunca foi composta por 50 irmãs — no máximo chegamos a ser 40. Além disso (e isso não é de menor importância), jamais enviamos irmãs ao Japão. Madre Mary Pius, de Kiryu, ocasionalmente vinha visitar-nos juntamente com duas de suas irmãs, para que elas pudessem fazer uma experiência de vida clariana em uma comunidade maior. Mas nós nunca enviamos nossas irmãs ao Japão!”

# Ofício Pro Monialibus

---

## Carta do Assistente Geral

Queridas irmãs. Queridos irmãos.  
Que o Senhor vos dê a Paz!

Há alguns meses, iniciamos, juntamente com toda a Família Franciscana, as celebrações pelos oitocentos anos da morte de São Francisco, ou melhor, do seu nascimento à plenitude da vida em Deus, que ocorreu na tarde de 3 de outubro de 1226.

Alguns meses antes, ou seja, entre abril e maio daquele seu último ano de vida neste mundo, Francisco nos ditou um texto precioso conhecido como *Testamento de Siena* ou Pequeno Testamento<sup>1</sup>, no qual, a partir deste número, se inspiram os temas da nossa revista.

Como sabemos, o *Pequeno Testamento* foi ditado por Francisco num momento muito delicado da sua saúde física quando, encontrando-se em Siena para tratar dos olhos<sup>2</sup>, sofreu uma crise de estômago vomitando sangue durante toda a noite. Por esta razão, os seus companheiros, temendo a iminência da sua morte, pediram-lhe a sua bênção e que lhes comunicasse a sua última vontade, ou seja, o seu testamento espiritual<sup>3</sup>.

Trata-se de um texto que nos foi transmitido pela *Compilação de Assis* e pelo *Espelho de Perfeição*<sup>4</sup>, e que começa com uma bela invocação de bênção sobre todos os seus frades, tanto os de então como os que no futuro entrariam na Ordem, indicando assim que tudo o que ele nos dirá em seguida só é possível graças à bênção de Deus, ou seja, ao seu Amor invencível que nos precede e nos acompanha. A essa bênção seguem-se as três “palavras” que exprimiam a sua última vontade.

Refletimos, pois, sobre a primeira palavra e vontade de Francisco para todos nós, a qual nos convida a refletir sobre os dons e os desafios de viver no amor fraterno:



«Amai-vos sempre uns aos outros»

Em primeiro lugar, é interessante notar que Francisco, conhecido como o santo da pobreza por excelência, menciona como sua primeira vontade a palavra do amor fraterno.

Talvez isso já seja um indício de que, para ele, a pobreza não diz respeito apenas à nossa relação com os bens materiais, mas sobretudo também às nossas relações interpessoais, que exigem sempre, de cada um de nós, a expropriação (*sine proprio*), o desapego de nós mesmos para sermos verdadeiramente amor para o próximo.

Além disso, Francisco parece mencionar essa palavra em primeiro lugar por uma questão de total fidelidade e identificação com o Senhor Jesus, que entregou como última vontade aos seus discípulos justamente o mandamento que Ele chama de “seu” e “novo”, o mandamento do amor fraterno: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros.

Como eu vos amei, também vós amai-vos uns aos outros”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a versão do *Espelho de Perfeição*, logo após a primeira “palavra” de Francisco, acrescenta uma expressão com a qual ele é fortemente identificado com a pessoa de Jesus: “como eu os amei e amo”<sup>6</sup>.

Trata-se de um amor fraterno que, portanto, tem sua origem no amor de Jesus por nós, no modo como Ele nos ama, e sem o qual, na verdade, não existe a fraternidade franciscana e clariana e nem mesmo a própria comunidade cristã, pois, se “Deus é amor”, somente “quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”<sup>7</sup>.

“Amai-vos sempre uns aos outros”

Eis porque ,seja a *Compilação de Assis* e o *Espelho de Perfeição* acrescentam um “sempre” à primeira “palavra” de Francisco, pois o amor fraterno não é para o cristão, e muito menos para os franciscanos e franciscanas, uma questão opcional: é a norma das normas a ser observada em todo tempo e lugar, se realmente queremos pertencer a Cristo (seu mandamento) e acolher a novidade de sua proposta de vida (novo mandamento).



De fato, se o amor a Deus e ao próximo, sobre o qual Jesus insiste muito, já nos havia sido revelado no Antigo Testamento, é somente com Ele que a reciprocidade do amor se torna o critério de identificação por excelência de seus discípulos, o mais belo “hábito” que deve distingui-los, como Ele afirma logo após lhes entregar o seu mandamento: «Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros»<sup>8</sup>.

«Amai-vos sempre uns aos outros»

Daí também se compreende por que Francisco, em seus escritos, além do advérbio “reciprocamente” presente no *Testamento de Siena*, utiliza outros termos e expressões que denotam a reciprocidade do amor fraterno, tais como: “mutuamente”, “entre si”, “uns aos outros”, “entre eles”, etc<sup>9</sup>. De fato, para Francisco, sempre e em toda parte é momento e lugar da atenção e do cuidado fraternos<sup>10</sup>.

O mesmo vale para Clara, que convida suas irmãs a amarem-se concretamente umas às outras com a caridade de Cris-to<sup>11</sup>, manifestando com confiança suas necessidades umas às outras<sup>12</sup>, para que, acima de tudo, “preservem reciprocamente a unidade da mútua caridade, que é o vínculo da perfeição”<sup>13</sup>.

“Amai-vos sempre uns aos outros”

Portanto, o dom por excelência da prática do mandamento do amor fraterno é, especialmente para Clara, a unidade, ou melhor, a Santa Unidade que, juntamente com a Altíssima Pobreza, constituem os pilares de sua Forma de Vida.

Aqui é interessante notar que se fala de unidade, expressão de uma experiência interior profunda onde as diferenças e os conflitos são integrados “em uma nova e promissora síntese”<sup>14</sup>, e não simplesmente de uniformidade, mais ligada às formas exteriores.

Outros dons, frutos dessa unidade, são certamente a alegria, a paz, o senso de pertença, a liberdade, a criatividade, a perseverança, a coragem. De fato, quando falta o amor recíproco, percebemos a ausência de tudo isso.



Assim, o grande dom do mandamento de Jesus, que Francis-co nos propõe como a sua primeira palavra, representa também um grande desafio para nós, porque exige uma vigilância constante com relação a tudo o que vai contra esse amor, ou seja, todas as expressões de egoísmo sobre as quais ele, alguns anos antes, já nos havia alertado: “que os Irmãos se acautelem de toda soberba, vaidade, inveja, avareza, cuidado e preocupação deste mundo, da difamação e da murmuração”<sup>15</sup>.

A essas tentações, Clara acrescenta “a discórdia e a divisão”<sup>16</sup>, expressando assim sua sensibilidade particular pela unidade na comunidade. Em suma, tanto Clara como Francis-co nos falam da necessidade de evitarmos toda forma de egoísmo, para nos amarmos verdadeiramente como Jesus nos amou, isto é, a ponto de “dar a vida pelos seus amigos”<sup>17</sup>.

Trata-se, portanto, de conservar, tanto quanto possível, a disposição espiritual de nos doarmos plenamente, por amor a Deus, à irmã e ao irmão, no que somos e fazemos, a fim de que possamos ser reconhecidos como verdadeiros discípulos de Jesus, como o eram os primeiros cristãos, segundo o belo testemunho de Tertuliano: “Vejam como eles se amam e estão prontos a dar a vida uns pelos outros”<sup>18</sup>.

«Amai-vos sempre uns aos outros»

Irmãs e Irmãos. Vivemos num mundo dilacerado por conflitos e tensões. Guerras antigas persistem e novas insinuam-se, trazendo sofrimento, insegurança e desespero a muitos, especialmente às novas gerações.

Às vezes temos a sensação de que a humanidade, tal como Francisco naquela noite em Siena, está vomitando seu próprio sangue e sentindo próximo o seu ocaso. Mas é justamente neste momento que, especialmente a primeira palavra do Testamento de Francisco, ressoa ainda mais claramente como uma profecia de esperança: “Amai-vos sempre uns aos outros”.

Sempre! Mesmo neste momento difícil, mesmo quando nem tudo nos é claro, mesmo quando as forças nos faltam.



Porque se a falta de amor está na origem de todos os males pessoais, comunitários e sociais, a presença dele representa a verdadeira cura para os mesmos. De fato, como disse o Papa Leão XIV já na sua primeira aparição logo após a sua eleição, também “hoje é o tempo do amor”.

Que, com o testemunho de nossa vida fraterna em comunidade possamos proclamar, como as primeiras comunidades cristãs, que “nós acreditamos no amor”<sup>19</sup> e que, assim, muitos também possam crer Nele.

Um abraço fraterno.

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm*  
Assistente Geral Pro Monialibus  
moniales@ofm.org

---

<sup>1</sup> Para distingui-lo do grande *Testamento*, provavelmente ditado nas últimas semanas de vida do Pobrezinho.

<sup>2</sup> Cfr. *1Cel* 105,1; *CAss* 58,1.

<sup>3</sup> Cfr. *CAss* 59,3-4; *Ep* 87,11-12.

<sup>4</sup> Cfr. *CAss* 59,10-13; *Ep* 87,15-18.

<sup>5</sup> *Jo* 13,34.

<sup>6</sup> *Ep* 87,17.

<sup>7</sup> *1Jo* 4,16.

<sup>8</sup> *Jo* 13,34.

<sup>9</sup> Cfr. Uribe, Fernando. *Núcleos do carisma de São Francisco de Asís*, p. 308.

<sup>10</sup> *Rnb* 7,15.

<sup>11</sup> *TestCI* 59.

<sup>12</sup> *RCI* 8,15.

<sup>13</sup> *RCI* 10,7.

<sup>14</sup> *Evangelii Gaudium* 230.

<sup>15</sup> *Rb* 10,7.

<sup>16</sup> *RCI* 10,6.

<sup>17</sup> *Jo* 15,13.

<sup>18</sup> *Apologetico* 39.

<sup>19</sup> *1Jo* 4,16.

# VIII centenário do *Testamento de Siena*

---

## Homilia do Ministro Geral

*Siena, 8 de março de 2026*

Irmãos e irmãs, hoje celebramos o terceiro domingo da Quaresma, imersos no diálogo entre Jesus e a Samaritana junto ao poço. E o fazemos aqui em Siena, na memória do *Pequeno Testamento* que justamente aqui São Francisco nos deixou. O encontro no Evangelho não é apenas uma narração, mas uma revelação de nossa busca de significado; o Testamento de Francisco, um sinal da sede profunda de sua alma. Descubramos, então, como somente Cristo pode saciar-nos.

Na primeira leitura do Êxodo (17,3-7), o povo no deserto murmura. O desafio deles a Moisés marca o ponto de partida de um pedido de salvação. Deus, respondendo, faz brotar água da rocha, prefigurando Cristo, a rocha viva. Este gesto nos recorda como, nos momentos de fraqueza, podemos encontrar providência e salvação.

A segunda leitura (Rm 5,1-2.5-8) de Paulo proclama: “Justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de Jesus Cristo”. O amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito, demonstrado por Cristo morto por nós, pecadores, e tudo isso é verdadeiro para nós sobretudo nos momentos de fragilidade. Ilumina-nos e encoraja-nos à passagem da fraqueza (pecado) para a firme esperança, eco da gratuidade divina.

O Evangelho (Jo 4,5-42) apresenta Jesus “cansado da viagem” junto ao poço de Jacó, pedindo de beber à Samaritana marginalizada. Do diálogo emerge a água viva que jorra para a vida eterna (v. 14), revelando a verdade da mulher (cinco maridos) e culminando na revelação messiânica: “Sou eu, que falo contigo” (v. 26). João usa o poço como lugar de revelação (cf. Jo 24), oferecendo a água que não se esgota; a mulher é trans-formada em testemunha, levando muitos à fé.



Esta Palavra ilumina a nossa Quaresma: como a Samaritana, voltamos todos os dias ao “poço” dos hábitos, sedentos de sentido, de relações verdadeiras, de paz interior. Na comunidade paroquial e franciscana de Siena, a vida cotidiana — com suas fragilidades familiares, de trabalho e relacionais — é como o deserto israelita: murmurações de insatisfação, mas Jesus se faz frágil para nos escutar, oferecendo água que sacia a solidão e as feridas escondidas. Somos chamados a ser uma comunidade de escuta, cuidado e solidariedade, exatamente como Jesus.

Para os frades aqui presentes, cansados no serviço como Jesus junto ao poço, a Palavra evoca a própria vocação: acolher o outro em sua fraqueza, sem julgamento, para suscitar conversão. A mulher, reconhecida na verdade, deixa o cântaro e dá testemunho — assim também os frades, na vida comunitária, saciam os irmãos com a escuta humilde, transformando a rotina em colheita evangélica (vv. 35-38).

A vida ilumina a Palavra: nossas sedes cotidianas (reconhecimento, amor estável) revelam o quanto a água do poço é insuficiente, impelindo-nos para Cristo, que compartilha nosso cansaço.

### **O Testamento de Siena na trama da Palavra**

Hoje, em Siena, celebramos o VIII centenário do *Tes-tamento de Siena* (abril-maio de 1226), ditado justamente aqui por São Francisco, fraco e doente, temendo a morte: “Amem-se sempre uns aos outros, amem e observem sempre nossa senhora, a santa pobreza, e sejam sempre fiéis e





submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja”.

Este testamento entrelaça-se admiravelmente com a liturgia: o amor recíproco sacia como a água viva, vencendo o isolamento da Samaritana; a pobreza amada renuncia as “miragens” do poder que negam a fraqueza (como Jesus cansado), revelando a força de Deus nos frágeis; a obediência à Igreja é a escuta obediente de Jesus à mulher, que suscita nela a fé e o testemunho.

Francisco, do leito de dor, abençoa os frades até o fim do mundo, modelando a comunidade sobre o diálogo junto ao poço: a fraqueza partilhada gera paz (Rm 5,1) e frutos eternos. Francisco, com sua vida e suas palavras, ensina-nos que também na fraqueza podemos abençoar. Vivamos hoje esta bênção: amemo-nos, abracemos a pobreza de nós mesmos e de tantos ao nosso redor, sinal de Cristo pobre, permaneçamos fiéis à escuta na comunidade viva da Igreja, para sermos fontes de água viva para Siena e o mundo.

Irmãos, deixemos que Cristo nos diga a verdade sobre nós mesmos: sua água jorrará em nós para a vida eterna. Amém.

*Fr. Massimo Fusarelli, ofm*  
Ministro Geral





## Francisco de Assis...

### Páscoa de 1226...

Embora o nosso tema se refira ao primeiro dos desejos de Francisco no *Testamento de Siena*, parece essencial examinar esses três desejos em seu contexto.

A descrição que aparece no *Testamento de Siena*, entre outras fontes na Legenda de Perúcia, nos diz que Francisco não apenas estava gravemente enfermo naquele momento, mas que também vomitava sangue. Seria simplesmente uma descrição objetiva do estado de saúde de Francisco, um detalhe doloroso, sem dúvida, mas de pouca importância? É como se o trecho, em seu conjunto, sugerisse algo mais... como se houvesse uma razão para o texto insistir nesse ponto. Primeiro, leiamos o texto:

*Numa tarde, sentiu vontade de vomitar por causa de seus males de estômago. Os esforços que fez foram tão grandes que começou a vomitar sangue, e continuou a vomitá-lo durante toda a noite até a madrugada. Vendo seus companheiros que ele quase morria de fraqueza e pelas dores da enfermidade, disseram-lhe, com imensa pena e chorando: Pai, que queres que façamos? Abençoa-nos e abençoa todos os teus irmãos. Deixa também aos teus irmãos um memorial de tua última vontade, para que, se o Senhor quiser levar-te deste mundo, teus irmãos possam dizer e recordar: “Estas são as palavras que nosso pai disse a seus filhos e irmãos ao morrer”.*

*E ele lhes disse: Que se aproxime de mim Frei Benito de Piratro. Aproximando-se o irmão, o bem-aventurado Francisco lhe disse: Escreve que abençoo todos os meus irmãos, os que estão na religião e os que virão a ela até o fim do mundo.*

*O bem-aventurado Francisco continuou: Já que a fraqueza e as dores de minha enfermidade me impedem de falar, quero deixar expressa aos meus irmãos a minha última vontade em três frases: que, em sinal de memória<sup>1</sup> de minha bênção e tes-*



*tamento, amem-se e respeitem-se sempre uns aos outros; que amem e respeitem sempre nossa Senhora, a santa pobreza; que sejam sempre fiéis e submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja*<sup>2</sup>.

Nosso pai São Francisco de Assis levava quase dois anos estigmatizado, trazendo em seu corpo as chagas de Cristo. E agora, é como se, alguns meses antes de sua morte em Siena, vivesse e desse testemunho de outro modo de que entregava o seu sangue pelo seu povo e pelo mundo. Ao meditar este texto, percebo Francisco como um homem para quem viver conforme a este acontecimento é também um ato muito consciente.

E suas palavras exprimem igualmente a sua identificação com Cristo. A respeito do texto, gostaria de destacar um ponto evidenciado por Jacques Dalarun, que me parece muito acertado<sup>3</sup>. Sua pesquisa demonstra que esta narração, presente em várias coleções, oferece um texto particularmente impactante no *Speculum Perfectionis*. Nessa coleção — e somente nela —, em vez da formulação “*como sinal de memória* de minha bênção e de meu testamento”, encontramos: “*como sinal de memória* de minha bênção e do mistério”.

A menção do “mistério”, concretamente do sacramento do Corpo e do Sangue, situa o acontecimento presente, vivido por Francisco, em um contexto completamente diferente e o eleva ao nível da liturgia; ousaria dizer que o transforma em liturgia. Na situação do pai seráfico e em suas palavras, aparece — de modo vivo — a própria figura de Cristo. Os irmãos de Francisco — segundo o testemunho do texto, e com razão — estavam aterrorizados.

O próprio Francisco, em Siena, em abril de 1226, sentia que aqueles poderiam ser seus últimos momentos sobre a terra, e que a hora de sua morte havia chegado.

Ele expressou a sua vontade de modo verdadeiramente semelhante ao de Cristo, oferecendo o seu sangue e fazendo suas as palavras do Senhor. Essa alusão a Cristo encontra-se em diversas fontes, pois o *Speculum Perfectionis* acrescenta ao testamento de São Francisco de Assis sobre o amor mútuo



entre os irmãos: “como eu os amei e os amo”<sup>4</sup>. Em seguida, Francisco faz mais dois pedidos. Mas não podemos deixar de notar que suas palavras e ações são claramente eucarísticas: “*como sinal de memória*”, diz Francisco; “*Fazei isto em memória de mim*”, diz Cristo.

Aqui, percebe-se com força que a última vontade de Francisco não é apenas uma recomendação fraterna, mas uma verdadeira participação no mistério de Cristo, especialmente no dinamismo da Eucaristia: memória viva, amor oferecido e comunhão que se torna forma de vida. Francisco situa o amor mútuo entre os irmãos dentro de sua bênção e do mistério.

É em memória dele que os irmãos devem cumprir a sua vontade.

Encontramo-nos, pois, diante da tríplice vontade de Francisco. Para explicá-la, recorro à nossa mãe Santa Clara. Nas últimas linhas de sua Bênção, encontramos também uma tríade: “Sede sempre amantes de Deus, de vossas almas e de todas as vossas irmãs”<sup>5</sup>. Nessa tríade — que chamo de pequena tríade —, dentro do amor, devemos prestar atenção à ordem.

O primeiro é o amor ao Senhor; o segundo, o amor a si mesmas; e o terceiro, o amor às irmãs. A ordem não é insignificante, pois considero o amor ao Senhor — que significa tanto o amor do Senhor por nós quanto o nosso amor por Ele — como o fundamento do amor por nós mesmas e por nossas irmãs. É o fundamento porque nos purifica; purifica nossa capacidade de amar. Ao recebermos o seu amor e correspondermos a ele, seremos capazes de amar a nós mesmas com abnegação e de amar nossas irmãs com fidelidade e submissão.

Esse amor tríplice não é, ao mesmo tempo, outra coisa senão a formulação do tríplice voto: castidade, pobreza (*sine proprio*) e obediência. Nesse sentido, examinemos as três afirmações e desejos de Francisco: o primeiro é o amor mútuo entre os irmãos; o segundo, o amor e a estima por nossa senhora a Pobreza; e o terceiro, a fidelidade e a submissão aos prelados da Igreja e a todos os seus sacerdotes. É fácil



perceber que também em Francisco se esboça o tríplice voto: castidade, pobreza (*sine proprio*) e obediência.

Nem Francisco nem Clara pedem outra coisa senão viver segundo o tríplice voto, mas ambos o expressam a partir de uma interpretação pessoal e muito matizada. Analisemos isso com mais detalhe. Começarei com Santa Clara, pois ela ilumina as palavras de Francisco.

A pequena tríade de Clara — que é, portanto, o amor tríplice — sublinha que somente o amor de Deus nos permite amar a nós mesmas e aos outros, precisamente por sua exclusividade. Exclusividade não significa que alguém seja excluído do amor, mas que somente o amor exclusivo de Deus nos dá a capacidade de amar a nós mesmas e aos outros. Todo amor provém d'Ele, por Ele e n'Ele. Em seguida, Clara coloca o amor próprio em segundo lugar. Mas por que o amor aos outros não vem antes do amor a si mesma? Não seria o mais óbvio? Ofereço a seguinte explicação: o amor de Deus flui através de nós em direção aos outros; ele passa — por assim dizer — por nós. Isso acontece porque só podemos amar os outros com o amor que nós mesmas recebemos do Senhor. O amor a si mesma realiza-se na maneira como o amor de Deus encontra lugar dentro de nós. Por isso, o nosso próprio ser precisa ser primeiro purificado. Somente o amor de Deus pode realizar isso, enchendo-nos e criando em nós pureza e desapego, para que o nosso amor pelos outros — à sua imagem — seja desinteressado e gratuito.

Mas, ao examinar o texto de Santa Clara, podemos perceber que sua pequena tríade está inserida dentro de outra tríade, da qual constitui o primeiro elemento. Cada elemento dessa tríade maior é introduzido pela palavra “sempre”:

Sede sempre amantes de Deus, de vossas almas e de todas as vossas irmãs,

para que observeis sempre com solicitude o que prometestes ao Senhor.

O Senhor esteja sempre convosco, e oxalá vós estejais sempre com Ele<sup>6</sup>. E imediatamente se torna evidente a correspondência entre os dois testamentos: o de Francisco e o de Santa Clara. Analisemos os paralelismos:



1. ...que, em sinal da memória da minha bênção e testamento, se amem e se respeitem (sempre<sup>7</sup>) uns aos outros (Francisco). – Sede sempre amantes de Deus, de vossas almas e de todas as vossas irmãs (Clara). Como já vimos, para Santa Clara, a condição para amar o próximo é amar o Senhor e a si mesma. Nisso, Clara nos oferece a hermenêutica do amor mútuo, iluminando assim o primeiro desejo de Francisco.

2. ...que amem e respeitem sempre a nossa Senhora, a santa Pobreza (Francisco). – ...para que observeis sempre com solicitude o que prometestes ao Senhor (Clara). Podemos estar certos de que é à observância da santa pobreza que Clara exorta às suas irmãs.

3. ...que sejam sempre fiéis e submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja (Francisco) – O Senhor esteja sempre convosco, e oxalá vós estejais sempre com Ele (Clara). Talvez seja aqui que o paralelismo entre as palavras de Francisco e Clara seja menos evidente. Vejo-o da seguinte maneira: o que certifica a autenticidade da nossa relação pessoal e interior com Deus é a qualidade da nossa relação com Ele, através dos seus mediadores. Se considerarmos toda a grande tríade, vemos que a primeira é estar com o Senhor por meio do amor (Ele por nós, e nós por Ele): “Sede sempre amantes de Deus”, e a última é permanecer n’Ele: “e oxalá vós estejais sempre com Ele”. Ser e permanecer — mais ainda: ser é permanecer.

Como já mencionei, Francisco dá prioridade ao amor fraterno. Para ele, isso apresenta um claro paralelismo com Cristo: “Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”<sup>8</sup>, como lemos no Evangelho. Clara não cita explicitamente o mandamento de Cristo, mas o torna explícito em sua tríplice concepção do amor, oferecendo-nos o caminho espiritual para um amor cada vez mais autêntico. Parece-me que esse amor tríplice (ao Senhor, a si mesma e ao próximo) evidencia perfeitamente tanto a sua natureza de dom quanto o seu caráter de exigência.

Podemos tomar como ponto de partida as palavras comuns de nossos santos fundadores, Francisco e Clara. Em seus respectivos Testamentos, ambos afirmam que foi o Senhor



quem lhes deu irmãos<sup>9</sup> e irmãs<sup>10</sup>. Com isso, reconhecem, por um lado, que o Senhor sabe a quem me dá e a quem me confia. E, se é Ele quem nos dá uns aos outros, então só nos resta aprender a acolher-nos mutuamente como dom de Deus. Por outro lado, afirmam que o amor fraterno só é possível por meio de Deus, como já procuramos demonstrar. Para nos amarmos com um amor puro e desinteressado, o nosso amor não deve ter origem em nós mesmos, mas em Deus. Quantas vezes somos tentadas a amar a partir do próprio interesse e a oferecer um amor que nasce de nós mesmas!

No entanto, é somente aprendendo a amar a Deus do modo como Ele nos ama que compreendemos quão gratuito, desinteressado e simples é o seu amor. O nosso amor, como tantas vezes experimentamos, é marcado pelo egocentrismo: de modo involuntário e inconsciente, amamo-nos a nós mesmas, até mesmo no outro, até mesmo através do outro. Como é fundamental que o amor de Deus nos purifique antes de tudo! É pelo Senhor e pelo seu amor que podemos amarmos verdadeiramente umas às outras. A iniciativa pertence a Ele, mas, ao correspondermos ao seu amor, encontramos-nos a nós mesmas; isto é, aprendemos pouco a pouco a ver-nos, a aceitar-nos e a amar-nos na verdade.

Essa aceitação, esse amor, pode ser um caminho longo, mas somente assim alcançamos o nosso verdadeiro ser, que então se torna caminho de amor para os outros. Somente quando nos vemos, nos aceitamos e nos amamos em Deus — pois no seu amor nos reconciliamos conosco mesmas e com tudo o que há em nós —, o nosso encontro com o outro pode estar livre de egoísmo. Por isso, é necessário distinguir claramente o amor egoísta de si mesmo da forma como nos vemos, nos aceitamos e nos amamos em Deus. E isso se vive no cotidiano. Por isso é tão significativo que, em Santa Clara, o amor ao próximo ocupe o terceiro lugar, sendo precedido até mesmo pelo amor a si mesma.

A partir de suas palavras, podemos dizer que o amor às irmãs se apoia em dois pilares: a fidelidade e a submissão. É na fidelidade a Deus dentro da nossa vocação e na submissão às outras que podemos amar verdadeiramente as irmãs. Nenhuma



dessas dimensões pode ser abandonada nem substituída por outra.

Na minha opinião, um dos maiores desafios é renunciar a esse falso altruísmo que nos leva a pensar que devemos amar os outros antes de nós mesmas. Caso contrário, Deus não pode purificar-nos nem curar-nos do mal do amor próprio disfarçado de amor ao próximo. Tudo começa em Deus e por meio d'Ele, e é isso que confere autenticidade a cada ação, seja voltada para dentro (para nós mesmas) ou para fora (para os outros). Por isso, "dobro os meus joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual recebe o nome toda família [toda comunhão] no céu e na terra".

*Ir. François-Marie, osc*

Le Rameau de Szécsény (Hungria)

Ermitage des Clarisses

klarisszak.szecseny@gmail.com

---

<sup>1</sup> A continuación utilizaré la fórmula: ... *ut in signum memoriae* = como signo de memoria.

<sup>2</sup> LP 59.

<sup>3</sup> J. DALARUN, "El misterio de Siena. Un logion de François d'Assise", *Études franciscaines*, Nouvelle Série, 2, 2009, p. 227-257.

<sup>4</sup> EP 87.

<sup>5</sup> BCI 14.

<sup>6</sup> BCI 14-16. Parala tradução em espanhol, I. Omaechevarría, *Escritos de Santa Clara e documentos complementarios*, B.A.C. 2025, 457.

<sup>7</sup> "sempre" não aparece em EPm 30.

<sup>8</sup> cf. Jo 13:1; 13, 34 ; 15, 12.17.

<sup>9</sup> Prueba 14.

<sup>10</sup> TestCI 25.

<sup>11</sup> Ef 3,14.

# «Amem-se sempre uns aos outros»...

---

## ...em Yarze, Líbano

### **A LUZ DE SANTA CLARA NO LÍBANO. Quatro anos de refundação**

Neste ano jubilar dos 800 anos do nascimento para o céu de nosso Pai São Francisco, o Mosteiro de Yarze, no Líbano, celebra quatro anos de sua refundação. Por isso, com alegria franciscana, desejamos compartilhar brevemente convosco a nossa experiência vivida.

Em 2021, enquanto as Irmãs Clarissas de Mbarara – Uganda faziam uma Novena a São José, pedindo-lhe onde poderiam ir para uma nova fundação, receberam uma carta da Madre Presidente da Federação de São Damião, na França, Ir. Elisabeth, pedindo irmãs para refundar o Mosteiro de Nossa Senhora da Unidade de Yarze, no Líbano. O mosteiro corria o risco de ser fechado, depois de mais de 60 anos de existência, devido ao número muito reduzido de irmãs. Em Mbarara, acolhemos este convite como um verdadeiro sinal do céu.



A nova comunidade na época da refundação



Depois de alguns dias de oração e reflexão, pronunciamos humildemente o nosso “Sim”, unindo-o ao da Virgem Maria — justamente no dia 25 de março daquele ano, data que Roma havia estabelecido como prazo final para decidir o fechamento do Mosteiro de Yarze.

Um ano depois, em 22 de abril de 2022, cinco de nós chegaram aqui em Yarze vindas de Uganda, acompanhadas de nossa Madre Abadessa e de outra irmã. Fomos acolhidas com grande alegria pelas seis irmãs da comunidade de Yarze, juntamente com Ir. Elisabeth, Madre Presidente da Federação São Damião, e desde o primeiro momento nos sentimos e nos tornamos uma única comunidade de onze irmãs! Também fomos acolhidas por Sua Excelência Paul Abdel Sater, arcebispo da diocese maronita de Beirute, sob cuja vigilância se encontra nossa comunidade. Fomos igualmente acolhidas por Dom Cesar Essayan, o único bispo latino do Líbano.

Foi uma explosão de alegria por todos os lados: da parte das irmãs vindas de Uganda, pela graça de poder reavivar luminosamente a tênue luz de Santa Clara no coração da Igreja do Líbano; da parte das irmãs da comunidade de Yarze, quase incapazes de acreditar que as grandes preocupações com o fechamento do mosteiro haviam terminado; e da parte da comunidade cristã local, que considera o mosteiro um oásis no deserto das intermináveis crises do país. Durante alguns dias, o silêncio monástico teve de ceder lugar aos gritos de alegria e entusiasmo, enquanto as onze Clarissas provenientes de cinco países e falando três línguas diferentes procuravam construir uma fraternidade recíproca. No final, a linguagem do Amor prevaleceu, enquanto buscávamos maneiras de aprender o francês — a língua da comunidade — e depois o árabe libanês, a língua local.

Um dos maiores pontos fortes dos libaneses é o seu espírito de hospitalidade: é quase automático. A pessoa sente-se em casa assim que chega ao país. Até mesmo no avião, a primeira frase que provavelmente se escuta é: “Posso ajudá-lo?”. E logo depois: “Por favor, venha comer em nossa casa”, e a pessoa não está brincando: é preciso muita coragem para recusar o convite. Mas para nós, sendo monjas de clausura e não podendo ir às suas casas, isso não impediu sua hospitalidade.



Por exemplo: em duas ocasiões diferentes, duas paróquias organizaram uma peregrinação com longas procissões, cantos e hinos, e vieram ao mosteiro dar boas-vindas às novas irmãs. Não trouxeram apenas a estátua ou o ícone da Virgem Maria para a procissão, mas também excelentes comidas libanesas, que partilhamos com eles. E isso foi apenas o começo. Muitas vezes ficávamos surpresas com famílias que chegavam trazendo uma refeição inteira, bem preparada e ainda quente; outras vezes era um general do exército, um ministro, um simples vizinho, uma empregada doméstica ou qualquer outra pessoa que chegava carregando tudo o que conseguia trazer, oferecendo presentes às irmãs em agradecimento por orações atendidas ou como súplica pela intervenção de Deus.

Raramente alguém vinha ao mosteiro para pedir; ao contrário, vinha para dar, e por isso a comunidade viveu muito graças às esmolas dessas pessoas generosas que nos cercam. Certamente, com as contínuas desgraças como a explosão do porto, a Covid-19, as crises econômicas, sociais e políticas que atingiram este amado país que é o Líbano, nosso povo de coração grande já não tem muito a partilhar. Contudo, sua atitude positiva permanece: no Líbano, sente-se como parte de uma grande família.

A família franciscana é um dos melhores exemplos do espírito familiar do Líbano. Desde a nossa chegada, fomos encorajadas em nossa nova missão ao ver como as numerosas comunidades franciscanas estão unidas para formar uma grande família franciscana. Aqui, Franciscanos Conventuais, Capuchinhos, Frades Menores, Clarissas, Franciscanas Seculares Regulares, Franciscanos leigos, Jovens Franciscanos etc., formam um só corpo sob a coordenação de uma pessoa com um comitê de apoio.

Em cada grande festa franciscana, reúnem-se juntos, segundo o programa anual, para uma celebração comum. Por exemplo, a celebração da Solenidade de Santa Clara para toda a família franciscana acontece sempre em nosso mosteiro aqui em Yarze. Outra grande vantagem é que o nosso único bispo latino no país, Dom Cesar Essayan, é ele mesmo um franciscano conventual e não poupa esforços para encorajar esta bendita família franciscana em seu conjunto e cada comunidade em particular. Além disso, somos afortunadas por



contar com diversos capelães — franciscanos, jesuítas e maronitas — que representam um grande apoio para nossa comunidade.

No início da refundação, um dos maiores desafios era a língua, já que algumas das novas irmãs não conheciam o francês, língua da comunidade. Para resolver o problema, a Federação São Damião, à qual a comunidade está afiliada, foi tão generosa que enviou três irmãs à França por dois meses para estudar francês; depois disso, a comunicação na comunidade tornou-se muito mais simples. Isso favoreceu a capacidade de adaptação recíproca, algo importante para uma nova comunidade como a nossa, composta por irmãs de cinco nacionalidades (Líbano, França, Coreia do Sul, Filipinas e Uganda). Não apenas as diferenças culturais exigiam adaptação mútua, mas também as diferentes formações iniciais recebidas em nossas quatro comunidades de origem.

Nove meses depois de nossa chegada, Ir. Marie du Christ Roi, que havia sido superiora da comunidade por quase cinco anos até a nossa chegada, voltou para a Casa do Pai depois de lutar contra o câncer durante quinze anos. Assim, a comunidade ficou com apenas uma irmã libanesa, Ir. Marina. Alguns meses depois, uma irmã pediu um ano sabático em sua comunidade de origem nas Filipinas e, após esse período, não retornou. Posteriormente, também Ir. Christina foi obrigada a voltar para sua comunidade na Coreia devido à doença, apesar de seu forte desejo de permanecer em Yarze. Infelizmente, poucos meses depois, também ela retornou ao Senhor. Apenas um ano mais tarde, outra irmã das Filipinas foi chamada urgentemente para cuidar da mãe gravemente doente. Graças a Deus, a mãe melhorou, mas a irmã não pôde mais retornar porque a guerra estourou no Líbano. Depois, enquanto celebrávamos os três anos da refundação, tivemos de nos despedir também de Ir. M. Anuarite, que retornou a Uganda, pois havia vindo originalmente apenas para um breve período de serviço, pelo qual lhe somos infinitamente gratas.

Enquanto isso, nossa comunidade em Uganda foi tão generosa a ponto de nos doar duas novas irmãs (Ir. M. Agnes e Ir. M. Anthony), já que o número de nossa comunidade estava diminuindo drasticamente.



Também somos gratas aos diversos mosteiros que, de tempos em tempos, nos enviam irmãs por períodos mais ou menos longos para sustentar nossa comunidade, sempre carente de número. Em 2023, Ir. Clare Madeleine, da comunidade de Montbrison, ajudou-nos preciosamente durante três meses, e sua contribuição continua ainda hoje a produzir abundantes frutos. Também nossas irmãs Clarissas do Malawi, em Lilongwe, foram muito generosas conosco ao nos enviarem Ir. Miriam por seis meses, de outubro de 2025 a maio de 2026; ela foi verdadeiramente um dom para nós. De fato, o número de nossas irmãs, reduzido a sete, continua a suscitar preocupação, pois o Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, em Roma, já nos advertiu de que, se o número não aumentar para pelo menos nove membros, seja por novas vocações ou por irmãs provenientes de outros mosteiros, nosso mosteiro corre o risco de fechamento. Gostaríamos de aproveitar esta ocasião para convidar-vos, nossas irmãs Clarissas, pedindo voluntárias: duas ou mais irmãs que venham unir-se a nós, para que juntas possamos garantir a indispensável missão de uma presença orante nesta parte do mundo.

A partida mais recente foi a de nossa querida Ir. Marina, a última irmã libanesa da comunidade, que retornou ao Senhor há apenas um mês, em 13 de março de 2026, aos 85 anos de idade. Sua morte repentina nos entristeceu profundamente porque, embora tivesse muitos problemas de saúde, permanecia ativa na comunidade até o último dia. Apesar da idade avançada, seu espírito era o mais jovem da comunidade — cheio de brincadeiras e humor. Assim, da comunidade original de Yarze que nos acolheu, resta apenas uma irmã: Ir. Benedicte, uma irmã francesa que entrou na vida religiosa aqui.

A guerra tornou-se parte integrante da história de cada habitante do Líbano. No último mês de março, quando nossa irmã Marina pediu socorro no coração da noite enquanto lutava pelo último suspiro, percebemos que era necessário levá-la urgentemente ao hospital; o primeiro pensamento que nos veio foi como poderíamos chegar lá sob os contínuos bombardeios que atingiam nosso bairro. Isso nos recordou uma história que



a própria Ir. Marina nos contava frequentemente: no dia de seu nascimento, há 85 anos, seus pais suplicaram a Deus que os poupasse dos bombardeios que devastavam Beirute, pois haviam acabado de receber “um anjo” em casa. Ela nunca deixava de nos contar como, já durante a guerra civil que durou 15 anos, arriscava continuamente a vida sob os bombardeios para fazer compras para a comunidade, sendo a motorista do mos-teiro. Muitas vezes voltava com partes do carro destruídas ou com o veículo danificado após uma explosão. Uma vez, uma bomba explodiu justamente ao seu lado, matando o vizinho e poupando-a. Quando nos contava essas experiências, escutávamos como se fossem cenas de um filme de terror que ninguém desejaria rever, quase recusando-nos a acreditar que fossem reais, até que chegou também para nós o momento de experimentar o indesejável.

Tudo começou em julho de 2024, quando fomos aterrorizadas pelos aviões israelenses que provocavam estrondos sônicos sobre Beirute e outras regiões do Líbano. O barulho era terrível. Isso continuou por algum tempo, e havia sempre um drone no céu, dia e noite, cujo som era insuportável. Como se não bastasse, seguiu-se o assassinato do líder do Hezbollah em 29 de setembro de 2024: aquela noite assustadora abriu uma terrível guerra entre Israel e Hezbollah. Os bombardeios que se seguiram em Beirute e em outras partes do país eram insuportáveis até mesmo de ouvir; durante mais de quatro dias, dia e noite, não conseguimos dormir de modo algum. Nosso arcebispo, Sua Excelência Paul Abdel Sater, arcebispo maronita de Beirute, organizou para nós uma estadia de uma semana nas montanhas, para que pudéssemos respirar e descansar. Foi um tempo benéfico e regenerador.

Nossos corações estão cheios de gratidão para com ele por seu cuidado paterno tanto espiritual quanto material. Alguns meses depois, a guerra terminou graças aos numerosos países que imploraram um cessar-fogo. E assim, em janeiro de 2025, o país pôde ter um novo Presidente depois de dois anos de espera. Isso trouxe muitas mudanças positivas e reacendeu a esperança do povo.

O Ano Jubilar de 2025 foi realmente um ano de alegria para



os libaneses: não apenas obtivemos um novo Presidente, mas, com imensa alegria, fomos abençoados pela visita do Santo Padre, Sua Santidade Papa Leão XIV. Isso encheu todo o país de entusiasmo, porque, pela primeira vez, o Líbano estava no centro das atenções por algo positivo! Todos, independentemente da fé, da idade ou da posição política, estavam entusiasmados com a chegada do Papa! Foi um momento de grande transformação para o país e produziu frutos abundantes.

Apesar da calma e das experiências alegres de 2025, o ano de 2026 começou com outra guerra complicada, mas continuamos a esperar contra toda esperança, porque acreditamos firmemente que, como diz o salmista: “Nosso auxílio e o auxílio do Líbano está no nome do Senhor que fez o céu e a terra!”. A Ele confiamos o nosso mosteiro, todo o país do Líbano e o mundo inteiro, rezando para que o Senhor ressuscitado, que vem aos seus discípulos com a saudação da paz, possa conceder-nos aquela paz que o mundo não pode dar.

Louvai e bendizei o meu Senhor, dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.

*Vossas Irmãs Clarissas*

Mosteiro de Santa Maria da Unidade, Yarze, Líbano  
[clareyarze@gmail.com](mailto:clareyarze@gmail.com)





## ...no Panamá

**“Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34-35)**

**“...em sinal da recordação da minha bênção e do meu testamento, amai-vos sempre mutuamente...” (TesS)**

Nosso Pai São Francisco, sentindo-se gravemente enfermo, a pedido de seus irmãos, dita o *Testamento de Siena* entre abril e maio de 1226.

Nesse Testamento ressalta o fundamental da fé cristã: **“amar-se mutuamente”**, como Jesus o ensinou. Tanto no início de sua conversão como no final de sua vida, Francisco recorre ao Evangelho, e é admirável ouvir essa voz enfraquecida pela doença e pela penitência resumir com tanta precisão aquilo que havia vivido desde o encontro com o Crucificado: **amar a todos**; e, para amar a todos, é necessário conformar-se à pobreza e à humildade de Cristo pobre e crucificado: **amar e guardar a pobreza e obedecer com humildade à santa Igreja**.

Este Jubileu é — e deve ser para nós — uma lembrança viva que nos anime e renove a nossa Vocação Evangélica. Por isso, queremos, por este meio, partilhar como, na realidade da nossa vida, vamos experimentando o mandamento do amor ensinado por Jesus até dar a vida, vivido apaixonadamente por Francisco e manifestado por ele mesmo em seus escritos, de modo especial no *Testamento de Siena*.

Queremos também manifestar a reciprocidade do amor: dando a nossa vida por amor aos outros e recebendo amor através da fé das pessoas que acreditam na eficácia da oração. Pois rezar é dizer ao outro: *eu te amo, sinto contigo, sofro e me alegro contigo; por isso elevo ao céu este sentir e espero o melhor para ti*, porque Deus se compraz ao ver que nos amamos uns aos outros.

Em nosso mosteiro vivemos oito irmãs, todas de votos solenes: seis de El Salvador e duas do Panamá. A experiência de viver juntas esta forma de vida nos leva, a cada dia, a dar



graças a Deus pelo dom da fraternidade. Não é algo mágico; é levar a sério o caminho da cruz, esperando a ressurreição; é viver cotidianamente o mistério pascal, morte e vida. A esperança da alegria da ressurreição nos faz viver a abnegação com fortaleza.

Sentimos a proximidade dos outros: irmãs clarissas, frades, fiéis, familiares, benfeitores, vizinhos, religiosos, religiosas, sacerdotes e bispos. Temos experimentado essa proximidade em várias ocasiões. Recentemente, no ano passado, uma de nossas irmãs adoeceu, sofreu um AVC, e não tínhamos condições econômicas para realizar todos os exames necessários, pois não temos plano de saúde. Nossos irmãos, os Frades Menores da Província Nossa Senhora de Guadalupe, nos socorreram imediatamente e custearam a hospitalização e todos os exames; agradecemos profundamente esse gesto de caridade fraterna.

Confiamos no Senhor e no seu amor derramado em tantas pessoas que se aproximaram oferecendo o que podiam: orações, ajuda financeira, alimentos, medicamentos, itens de higiene, entre outros. Assim conseguimos seguir adiante na recuperação de nossa irmã. Somente o amor de Deus, manifestado no coração dos outros, torna possível viver com alegria em meio a qualquer dificuldade, tribulação ou enfermidade.

Experimentamos também a alegria de ter irmãs, pois pertencemos à Federação “Santa Clara de Assis” da América Central, Porto Rico e Haiti.

Sentimos a proximidade na oração, no amor fraterno e na partilha dos bens que o Senhor lhes concede. A nossa Federação é composta por 12 Mosteiros e uma Fundação: temos 2 mosteiros na Guatemala, um em El Salvador, 2 em Honduras, 4 na Nicarágua, um na Costa Rica, um no Panamá, um em Porto Rico e a Fundação no Haiti.

É bela a experiência de sermos federadas, pois partilhamos a alegria dos encontros nas Assembleias e também dos encontros online dedicados à formação permanente e à celebração. Temos celebrado juntas algumas festas, apresentando todas as irmãs de cada mosteiro e participando



com cantos, poesias, entre outros. Esses encontros, realizados via Zoom, acontecem sobretudo no Natal e na Páscoa. Nesta última Assembleia, acordamos reunir-nos por esses meios de comunicação para celebrar, com um Tríduo, a solenidade de nossa Mãe Santa Clara. O amor fraterno nos leva a unir-nos, pela oração, ao sofrimento de toda a humanidade. De modo especial, unimo-nos ao sofrimento que vivem as nossas irmãs na Nicarágua: em dois mosteiros, as irmãs foram desalojadas e tiveram que sair, aceitando a expropriação como parte da vivência da pobreza evangélica. Os outros dois mosteiros vivem a mesma insegurança que atinge todo o povo.

As nossas irmãs no Haiti também estão enfrentando perigo e insegurança. Peçamos e unamo-nos, como Ordem e como irmãs, aos sofrimentos de nossas irmãs e de todas aquelas que não conhecemos, mas que oferecem a vida diariamente por meio da enfermidade e da pobreza nos diversos mosteiros do mundo.

*Em louvor a Cristo e a seu servo, nosso pai são Francisco.*

*Ir. Rosa Delmy Rivas de La O, osc*  
Presidente federal



Assembleia Federal Intermediária  
Federação Santa Clara de Asís  
América Central, Porto Rico e Haiti



## ...em Ihosy, Madagascar

Caríssimas Madres e Irmãs,  
paz e alegria!

Estamos muito felizes em partilhar com vocês algumas notícias de nossa vida de Clarissas em Madagascar e também da vida do nosso Mosteiro Santa Maria dos Anjos, Ampandratokana, Ihosy.

Antes de tudo, agradecemos por nos terem convidado a participar deste encontro através do cTc: isso nos ajuda a nos conhecer melhor.

### A fundação das Irmãs Clarissas em Madagascar

“Sede sempre amantes de Deus, e do bem de vossas almas e de todas as vossas Irmãs, e sede sempre atentamente fiéis às promessas que fizestes ao Senhor.” (Santa Clara, Bênção)

A Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara em Madagascar foi fundada por quatro mosteiros da França: Nice, Nantes, La Verdière e Vals-les-Bains, no ano de 1967.

Em 1960, Dom Claude Rolland e nossos irmãos ofm pediram a presença da Ordem das Irmãs Pobres de Santa

Clara em sua diocese. Para responder a este chamado, em 1967 a Abadessa do mosteiro de Nice veio visitar o local e tomar uma decisão. Em 1969, seis Irmãs chegaram respondendo a este apelo (Madre Jean Baptiste, ir. Marie Claire, ir. Marie de la Trinité, ir. Marie Aimée, ir. Marie Pierre, ir. Marie Joseph): a Fundação teve início e a bênção aconteceu em 14 de julho de 1969...

Elas fizeram tudo o que estava ao seu alcance para que o carisma e a espiritualidade de São Francisco e





Santa Clara vivessem nesta nova terra malgaxe. Graças aos seus sacrifícios, ao seu amor, à sua ascese e sobretudo à sua confiança somente em Deus, a Comunidade cresceu. Deus enviou jovens para seguirem seus passos.

Durante estes 57 anos de existência, hoje há 5 mosteiros e 70 Irmãs. Agradecemos ao nosso Deus, Autor de toda graça, que nos chama. “A maior graça que recebemos é a nossa vocação”, dizia Santa Clara.

### **O Mosteiro Santa Maria dos Anjos, Ampandratokana, Ihosy**

O Mosteiro foi fundado por Antsirabe (Eremo Santa Clara) no ano de 2013. Oito Irmãs foram enviadas para esta nova fundação no sul do país, e a cerimônia de acolhida na diocese aconteceu em 12 de janeiro de 2014.

Há apenas 12% de cristãos; a maior parte participa das orações tradicionais ou é ateia (“tsy mivavaka”).

No início houve muitas provações: baldes de água carregados sobre a cabeça para todas as nossas necessidades, velas nas mãos para iluminar a noite, pássaros que cantavam durante a noite porque estamos na floresta, e pequenos animais que entravam na casa...

Todos os dias rezamos a oração de São Francisco diante do Crucifixo de São Damião: “Senhor, dai-me uma fé reta, uma esperança firme e uma caridade perfeita...”.

Deus ouviu a nossa oração. Ele nos concede coragem e força; vela por nós todos os dias.

Até hoje, depois de 12 anos de nossa presença em Ihosy,





todas as fundadoras ainda estão presentes, e Deus nos enviou numerosas jovens para abraçarem nossa vida clariana em nosso mosteiro de Ihosy.

No dia 4 de abril de 2022 recebemos a carta oficial proveniente de Roma para nossa ereção canônica. Em 11 de agosto de 2022 celebramos, na solenidade de Santa Clara, a grande cerimônia de ação de graças. Numerosos fiéis, sacerdotes, religiosos e religiosas, assim como a Família Franciscana, estavam presentes neste dia de graça.

Atualmente somos dezesseis Irmãs na comunidade. Nossas quatro aspirantes continuam ainda seus estudos no colégio.

Agradecemos a todos os nossos benfeitores que nos ajudam a realizar a fundação deste mosteiro: espiritualmente, materialmente e concretamente, também com a construção dos edifícios.

Neste ano, em que celebramos o grande jubileu, os 800 anos do nascimento para o Céu de nosso pai São Francisco, confiamos nossa vida a Deus Onipotente por sua intercessão. E pedimos a graça de sermos fiéis à nossa vocação.

Muito obrigada de coração e até o próximo encontro, unidos na oração.

*Ir. Marie Bernadette, osc*

Mosteiro Santa Maria dos Anjos, Ihosy, Madagascar  
srsclarissesihosy@gmail.com





## ...em Ronchamp, França

### A GRAÇA DA INTERNACIONALIDADE

Em fevereiro de 2014, no n. 47 do cTc, foi publicado um artigo intitulado «Gênese de um novo mosteiro: de Besançon a Ronchamp (França)». Nele evocávamos o objetivo: assegurar, neste lugar elevado da arte sacra contemporânea (Capela Notre-Dame du Haut, construída em 1955 por Le Corbusier) e de peregrinação mariana secular, uma presença permanente de oração e de acolhida espiritual, em uma comunidade possivelmente internacional.

Neste lugar muito belo, no alto de uma colina, celebramos este ano os quinze anos da instalação do nosso mosteiro. O que vivemos hoje nesta colina, situada no leste da França?

O arcebispo da diocese de Besançon, dom Bouilleret, confirmou em 2021, em sua Carta de missão, a nossa orientação de vida plenamente contemplativa e franciscana, que assume uma tonalidade particular neste lugar “de



Capela de Nossa Senhora do Alto



periferia”.

Se em nós habita uma oração contínua do coração, nos passos de Santa Clara, podemos também oferecer a todos aqueles que o desejam, ou que passam por acaso, a participação em nossos ofícios litúrgicos diários. Durante a estação mais favorável (da Páscoa até Todos os Santos), estamos em Notre-Dame du Haut para as Eucaristias e as Vésperas. No período frio e mais solitário, rezamos em nosso oratório, de acesso muito fácil e sempre aberto. Muitos são tocados por isso, gostam de unir-se a nós ou simplesmente escutar...

A acolhida espiritual era uma necessidade para este lugar, e recebemos em nossa pequena hospedaria todos aqueles que buscam interioridade. Os encontros são assim muito diversificados, neste espaço frequentado por numerosas nacionalidades e diferentes ambientes sociais: encontros por vezes surpreendentes e apaixonantes, mas também muito simples e silenciosos, através do nosso serviço que deseja ser discreto.

Experimentamos a ação do Espírito nos corações, e damos graças ao Senhor por isso.

Eis alguns exemplos de palavras recolhidas em nosso livro



Oratório



de hóspedes:

*«Estes poucos dias passados com vocês me permitiram encontrar a alegria e o desejo de continuar o caminho, apesar de muitas perguntas sem resposta. Aceitar que o mistério faça parte de todo projeto de vida é, para mim, um dom recebido aqui. Enfim, a construção deste mosteiro por Renzo Piano e as provações que vocês atravessaram para chegar até aqui serão para mim uma inspiração para reconstruir um novo caminho. Obrigado por este novo sopro que levo comigo.»*

*«Gostaríamos de agradecer pela hospitalidade e pelos momentos de oração que compartilharam conosco. Não há dúvida de que começamos o ano da melhor maneira!!! Levaremos estes dois dias em nossos corações e esperamos que sejam o início de uma nova vida.»*

*«Ateu, senti-me em casa com vocês, inclusive durante os ofícios. Este mosteiro se parece com vocês: claro, transparente, luminoso, simples, vivo, acolhedor, generoso. Toda a minha gratidão pelo que fazem, pelo que são.»*



Entrada para o Oratório



Colaboramos com alegria, na medida do possível, com todos os envolvidos na vida da colina, frequentemente visitada por arquitetos e artistas de todo tipo (pintores, escritores, poetas, músicos, fotógrafos), vindos às vezes de muito longe. As artes não são, por acaso, um veículo fundamental de uma linguagem universal? A beleza não remete à transcendência? Além disso, todos os anos, desde 2017, é organizado um encontro ecumênico e inter-religioso de qualidade, cujo tema é elaborado em conjunto. Participam judeus, muçulmanos, budistas e cristãos da região. Nesta ocasião, criam-se laços de amizade e estima recíproca que perduram.

O louvor e a intercessão ocupam um lugar importante em nossa vida. Não esquecemos também os numerosos jovens e adultos (catequese, escolas, capelanias, grupos de reflexão, partilha, oração, silêncio) que vêm se renovar por algumas horas ou alguns dias neste lugar de paz... e as Eucaristias dos domingos de verão, frequentemente internacionais.

Percebemos que sobre esta colina sopra um espírito de paz, aquela paz da qual fala o papa Leão: «Trata-se da paz de Cristo ressuscitado, uma paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Vem de Deus, Deus que nos ama a todos incondicionalmente» (8 de maio de 2025).

Na esteira da encíclica *Laudato si'* do papa Francisco, em relação à espiritualidade franciscana, temos o desejo de praticar uma ecologia integral, buscando viver uma «sobriedade feliz» no interior da criação, tão bela de contemplar no suceder das estações.

Atualmente somos sete irmãs na comunidade, provenientes de cinco comunidades diferentes e de quatro nacionalidades: francesa, belga, húngara, britânica...

Nem sempre é fácil compreender-nos bem, mas isso também é uma graça de complementaridade, de abertura a diferentes culturas...

O que nos une permanece a nossa vocação comum de Clarissas e a cultura própria da comunidade de Ronchamp, sempre em construção. É verdade que, para assumir ainda melhor a nossa missão, seria bom que algumas irmãs de outras nacionalidades se unissem a nós. Isso é possível, e não



perdemos a esperança. Nós as acolheríamos com alegria, para uma nova etapa de vida com o Senhor e sua Igreja, para o mundo de hoje.

Os grandes textos do papa Francisco — *Evangelii gaudium*, *Fratelli tutti*, *Vultum Dei quaerere* — são para nós uma bússola para o presente e para o futuro.

Em amizade fraterna e gratidão pelo cTc, e na espera confiante de nossas Constituições Gerais bem atualizadas, às quais trabalhamos em comunidade, em resposta aos apelos de nossas delegadas... Nossos melhores votos à Comissão internacional e aos Frades que a acompanham, a serviço de todas as Clarissas do mundo.

*Ir. Marie Claire Sachot, osc*

Mosteiro de Santa Clara, França  
[monasteresteclair@orange.fr](mailto:monasteresteclair@orange.fr)



Quartos de hóspedes no outono



## ...em Split, Croácia

Louvados sejam Jesus e Maria!

Caríssimas e estimadas irmãs, escrevo-vos do Mosteiro de Santa Clara em Split, uma comunidade que vive a espiritualidade clariana de nossa santa mãe Clara desde o ano de 1308. Neste número 67 da revista cTc, partilharei convosco minhas reflexões sobre o amor ativo, os dons e os desafios da vida comunitária como fruto da experiência pessoal. Creio que não exista lugar mais ideal do que a clausura para um crescimento pessoal completo em todas as dimensões do ser humano. É um grande dom que, reconhecido gradualmente, aprofundado e, por fim, acolhido com honestidade pessoal diante do próprio ser e da própria alma, deveria ser imensamente valorizado. Certamente, a clausura é uma das formas de vida mais exigentes, mas, em sua essência, é tão rica porque nos permite um conhecimento muito mais profundo do nosso eu interior, diferentemente das pessoas no mundo. O conhecimento de si que o Senhor concede à alma em Sua presença, através do silêncio, é uma de suas riquezas.





Quando uma jovem entra no mosteiro, frequentemente possui grandes expectativas e uma imagem muito irrealista de como deveria ser a vida em um mosteiro de clausura e de como as irmãs deveriam se comportar. No caminho da descoberta da nossa vocação, experimentamos o entusiasmo inicial e vivemos alguns momentos de graça. Estes podem, muitas vezes, levar-nos à arrogância, erroneamente confundida com a virtude do zelo. Contudo, depois de algum tempo, quando a euforia se dissipa e o Senhor nos oculta a sensação de Sua presença, percebemos que não somos tão zelosas conosco mesmas quanto imaginávamos. Perdemos a paciência e a gentileza que acreditávamos possuir.

Todos estes são passos normais e necessários da vida espiritual, que as irmãs mais experientes já conhecem muito bem e, por isso, suportam as mais jovens independentemente de tudo. Em minha comunidade, experimentei um altíssimo nível de tolerância, paciência, misericórdia e perdão. E foi isso que comecei também a assimilar juntamente com elas.

A comunidade, na qual cada irmã possui sua natureza autêntica, está sempre aberta a um olhar misericordioso diante dos erros ou faltas das outras. Preferem justificar as más ações e perdoar até mesmo os erros mais graves que possam ter ferido a comunidade, em vez de permanecer no julgamento e na amargura. Tais atitudes conduzem cada irmã a um exame de consciência mais profundo, ao reconhecimento do amor de Deus manifestado através das irmãs e, ao mesmo tempo, revelam também o tipo de relação que temos com o Senhor.

Um dos desafios mais recentes dos nossos dias é a pressa do mundo, o ruído que dela deriva, a facilidade e rapidez com que se pode





obter aquilo que se deseja, o rápido progresso tecnológico, a internet (que já cria dependência desde a adolescência), e a predominância do materialismo. O fruto de tudo isso são famílias desestruturadas, um forte aumento dos divórcios, ansiedade entre os jovens, falta de respeito pela autoridade e muitos outros problemas. Muitas vocações hoje provêm de famílias desse tipo.

Na Croácia, um país muito pequeno, ainda temos a grande graça de que a Igreja seja muito carismática e ofereça uma ampla variedade de retiros espirituais e adoração eucarística para os jovens. Em muitas de nossas cidades existem centros de adoração perpétua ativos, e os jovens recorrem em grande parte a Deus, apesar das dificuldades dos tempos atuais. Os sacerdotes realmente procuram estar próximos dos jovens, buscando maneiras de atraí-los ao Senhor; acompanham seus passos no mundo moderno e procuram compreendê-los.

Os jovens de hoje, incluindo as moças interessadas pela vida de clausura, são muito mais abertos e liberais do que as gerações anteriores em termos de comportamento interpessoal e de conversa sobre muitos problemas e alguns temas “tabu”. Independentemente da idade da pessoa com quem falam, não hesitam em confrontá-la e expressar a própria opinião.



Na Croácia, há muitos chamados entre os jovens, sobretudo para a vida de clausura, mas eles têm dificuldade em responder. São muito indecisos, inseguros e temerosos de correr riscos. Tudo isso é consequência dos tempos atuais e das famílias desestruturadas. Como hoje já não são educados segundo o princípio do “silêncio e suportar” e não existe mais a “obediência cega”, desenvolveram um limiar muito baixo de tolerância aos sofrimentos da vida e não



conhecem o valor de uma autoridade saudável e da obediência.

Os antigos princípios educativos não eram totalmente corretos, porque não previam a possibilidade de diálogo, mas apenas a submissão sem questionamentos, o que levava à repressão dos problemas interiores. Contudo, a permissividade atual gerou personalidades frágeis, que perdem a vontade de lutar pela própria vocação. As jovens podem desistir facilmente quando as coisas não acontecem como esperavam ou se uma mudança não ocorre no tempo previsto.

Creio que, nesse campo, são necessárias conversas profundas, honestas e completas entre formadoras e superiores, centradas na escuta interior, com a colaboração de um sacerdote de grande experiência que, acima de tudo, compreenda profundamente a natureza do monaquismo, especialmente da vida de clausura. Às vezes, é difícil encontrar uma linguagem comum entre uma educação patriarcal e outra liberal, mas uma atitude aberta ao diálogo, a disponibilidade para a escuta recíproca e o respeito pelas diferentes opiniões podem produzir grandes frutos.

Outro aspecto importante que as jovens aprenderam hoje é a honestidade. Atualmente, os jovens não procuram idealizações, e tampouco as moças que entram na clausura. Creio que algumas vocações seriam preservadas se, desde o início, também as questões mais problemáticas fossem ditas abertamente. A vida não é fácil, nem na clausura nem no matrimônio. Existem problemas e provações que encontramos em toda parte. Desde o início da nossa vocação, devemos ser firmes e honestas conosco mesmas, conscientes de que não fomos chamadas para uma vida cômoda, mas para a penitência e o sacrifício pelas almas.





Ninguém nos obrigou a entrar no convento; respondemos espontaneamente ao chamado de Jesus, e Ele fala claramente a cada uma de nós através do Evangelho: «Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me». Palavras claríssimas... Por isso, é importante recordar frequentemente isso aos jovens e encorajá-los.

Se uma jovem irmã estiver aberta aos ensinamentos, creio que começará a ver a beleza da comunidade na diversidade de idades, tempos e experiências que ela traz consigo. Começará também a reconhecer os pequenos gestos de amor que são “pequenos” aos nossos olhos, mas grandes e santos aos olhos de Deus.

Desejo paz e bem a todas as irmãs!

*Ir. Maria Caterina do Amor Crucificado, osc*

Split, Croácia

klarise.split@gmail.com





## ...em Alexandria, EUA

### O dom da caridade na fraqueza

“Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros”. Este era o refrão constante de São João Evangelista em seus últimos anos, como nos relata São Jerônimo. Enfraquecido pela idade avançada e incapaz de pregar longamente, São João ainda desejava conduzir os irmãos a Cristo. Seu breve discurso condensou a Palavra de Deus em uma única mensagem: o amor. Se nos amarmos uns aos outros, dizia São João, isto basta.

Séculos depois, o refrão do amor foi assumido por São Francisco, que clamava: “O Amor não é amado”. Ao chegar ao fim de seus dias, o Pobrezinho entregou a seus filhos — e a todos nós que o seguimos — o dom e o precioso exemplo da caridade.

O santo pai Francisco, por insistência de frei Elias, em 1225 dirigiu-se a Rieti para ser tratado pelos médicos por causa de sua doença nos olhos, devido à qual não podia suportar a luz. O doloroso remédio da cauterização aplicado em Rieti não trouxe nenhum benefício, e frei Elias pediu a São Francisco que buscasse ajuda de outro médico na primavera de 1226 (2Celano 101).

Depois de ter estado em Siena, as condições de Francisco se agravaram, e os irmãos pensavam que sua morte já estava próxima. Pediram então ao pai a sua bênção e a sua última vontade. Devido à fraqueza física e ao sofrimento, suas palavras foram breves; contudo, com palavras simples, Francisco condensou o ideal da vida dos frades menores.

Antes de tudo, segundo a palavra do santo Evangelho, pediu que os frades “se amassem sempre uns aos outros”. Este seria, para Francisco, o sinal de que haviam acolhido a sua bênção. Este seria o modo de recordar o seu testamento: amando-se uns aos outros (cf. *Compilação de Assis* 59).

O amor de Francisco por seus frades manifestou-se em



obedecer às suas necessidades, mesmo ao custo do sacrifício de si mesmo. Francisco dirigiu-lhes uma palavra de encorajamento, deu-lhes a sua bênção, amou-os e cuidou deles até o extremo de suas forças.

O dom da caridade de Francisco na fraqueza é um exemplo para todas nós, e é o exemplo que nossa mãe Santa Clara, sua plantinha e discípula, seguiu. Clara passou os últimos 28 anos de sua vida na enfermidade, e, no entanto, continuou a servir como serva de suas irmãs. Em sua bênção, nossa mãe Santa Clara nos exortava a amarmos-nos umas às outras. Ela viveu este ensinamento durante toda a sua vida. Ir. Amata testemunhou que Clara “amava as irmãs como a si mesma” (*Processo de Canonização IV*).

Mesmo durante a fragilidade dos últimos anos, Clara demonstrava amor e compaixão pelas irmãs que estavam ao seu redor. Dois anos antes de sua morte, Ir. Benvenuta chegou até ela em lágrimas. Ir. Benvenuta vivia havia doze anos com fistulas; abatida e exausta pelo sofrimento físico, implorou ajuda à Madre. Clara levantou-se do leito, ajoelhou-se, fez o sinal da cruz e rezou. Por fim, tocou as feridas de Ir. Benvenuta, e ela foi completamente curada (*Processo de Canonização XI*).

Há exatamente dez anos, a nossa comunidade acompanhou a nossa irmã mais idosa durante o curso de sua última enfermidade, que durou cerca de dois anos. Ir. Clare já havia aprendido a arte da paciência na escola de uma longa enfermidade, pois convivia com artrite reumatoide há muito tempo.

Enquanto se encontrava na enfermaria, com o balão de oxigênio e com limitações e fragilidades crescentes, o seu coração cansado continuava ainda a amar e a se doar. Ir. Clare acolhia sempre com um grande sorriso a irmã que vinha assisti-la. Era muito grata: agradecia-nos com a promessa de recitar a “oração de Jesus”, que era o seu modo de dizer que repetiria muitas vezes por nós o Santo Nome de Jesus. Desejava conhecer as intenções de oração que eram confiadas pelas pessoas à nossa comunidade, para poder recordá-las em suas preces. Às vezes escrevia pequenos pensamentos que enviava



em “entrega especial” por meio de uma irmã. A Madre Abadessa ainda recorda os bilhetinhos que recebia de Ir. Clare por ocasião de seu onomástico e em outras datas festivas.

Quando se sentia um pouco melhor, Ir. Clare ficava feliz em receber a visita das irmãs por ocasião de suas festas. Um dia, uma irmã foi visitá-la e disse que se perguntava como seria o encontro com Deus Pai no céu. Ir. Clare respondeu que, segundo ela, seria como o encontro de duas pessoas que conversam e partilham muitas coisas belas e profundas. Seria como o encontro entre elas duas naquele momento na enfermaria. Ir. Clare dizia que, para ela, a vida comunitária nos prepara para o diálogo eterno com Deus.

Enquanto Ir. Clare se aproximava do encontro com Deus, uma de nossas irmãs em formação se preparava para pronunciar seus Votos Solenes. Três dias antes da morte de Ir. Clare, a jovem irmã conseguiu ir à enfermaria para lhe mostrar a “lembrancinha” que havia escolhido para sua Profissão Solene. As duas irmãs contemplaram juntas o pequeno cartão. Os grandes olhos do rosto de Cristo, no Crucifixo de São Damião, estavam voltados para ambas. O Esposo as chamava as duas.

Depois de alguns dias, Ir. Clare daria o último passo de sua peregrinação terrena. E, no mês seguinte, a nossa irmã de votos temporários fez a sua profissão solene.

Nos dias em que tinha um pouco mais de forças, Ir. Clare gostava de estar com simplicidade como irmã entre as suas irmãs. Era atenciosa conosco e conservava o senso de humor. Sorria diante daqueles pequenos “fioretti” que, às vezes, aconteciam ao longo do dia.

Ela nos ensinou que é possível amar em todo momento, para além das circunstâncias. Os pequenos e os pobres sabem sempre encontrar caminhos simples para manifestar o seu amor. Talvez a caridade exercida no momento da fraqueza seja um dom franciscano especial?

“Ó Francisco, o mundo precisa do teu coração!”

(São João Paulo II)

*Ir. Mary Chiara, pcc*

Mosteiro de Maria, Mãe da Igreja, Alexandria, Virginia, EUA

<https://poorclaresofalexandria.org>

# A Serva de Deus, Ir. Maria da Trindade, osc

---



PATRIARCHATUS LATINUS - JERUSALEM

بطريركية القدس لللاتين

## EDITO

Decr. N. 29

**PIERBATTISTA PIZZABALLA**  
Patriarca de Jerusalém dos Latinos

Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus

**MARIA DA TRINDADE** (no século: Luisa Jaques)

monja professa da Ordem de Santa Clara

No dia 25 de junho de 1942, morria em Jerusalém, aos 41 anos de idade, a Serva de Deus Maria da Trindade (no século: Louisa Jaques), monja professa da Ordem de Santa Clara. Nascida na África do Sul, no seio de uma família de missionários protestantes, e criada na Suíça, a Serva de Deus abraçou a fé católica após um longo caminho. Aos 25 anos, em plena juventude, experimentou uma profunda crise existencial e de fé, que culminou na noite de sua conversão: em seu desespero, irromperam a luz e uma atração irresistível pelo claustro. Atraída pelo mistério da Eucaristia, recebeu o batismo na Igreja Católica em 19 de março de 1928. Após inúmeras tentativas vocacionais, a Providência a conduziu, aos 37 anos, ao mosteiro das Clarissas de Jerusalém, onde Deus a esperava para uni-la mais estreitamente ao mistério de sua Páscoa.

Nas fadigas, na enfermidade e nos sofrimentos da vida, a Serva de Deus foi impulsionada à busca da verdade e do verdadeiro amor, vencendo o mal com o bem, aprendendo a escutar a voz de Deus. Sem fazer ruído, entregou-se sem reservas à oração, à adoração e à caridade fraterna, lutando com todas as suas forças pela unidade dos cristãos, implorando o dom da paz. Em 8 de dezembro de



1941, ofereceu-se como vítima a Jesus Eucarístico e, poucos meses depois, morreu serenamente, deixando atrás de si um luminoso testemunho de vida cristã.

Considerando que sua fama de santidade tem aumentado ao longo dos anos e que foi formalmente solicitado o início da Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus, ao torná-la conhecida à Comunidade Eclesial, convidamos a todos e a cada um dos fiéis a comunicar diretamente ou a enviar ao Patriarcado Latino de Jerusalém (Latin Patriarchate Road, P.O.B. 14152, Jerusalém 9114101 – [chancellery@lpj.org](mailto:chancellery@lpj.org))

todas aquelas informações das quais possamos, de qualquer modo, deduzir elementos favoráveis ou contrários à fama de santidade da referida Serva de Deus.

Devendo-se, além disso, recolher, segundo a norma das disposições legais, todos os escritos atribuídos, ordenamos com o presente EDITO a todos aqueles que os tenham em seu poder que apresentem à Cúria do Patriarcado todos os escritos atribuídos à Serva de Deus, caso ainda não tenham sido entregues ao Postulador da Causa. Recordamos que, por “escritos”, não se entendem apenas as obras impressas já recolhidas, mas também os manuscritos, diários, cartas e qualquer outro escrito privado da Serva de Deus. Aqueles que desejarem conservar os originais poderão apresentar cópias devidamente autenticadas.

Estabelecemos, por fim, que o presente EDITO permaneça exposto durante dois meses na entrada da Co-Catedral e que seja publicado no boletim diocesano, bem como no site do Patriarcado, da Custódia da Terra Santa e das irmãs Clarissas.

Dado em Jerusalém, na Sede do Patriarcado, aos 29 de novembro de 2024,

*Festa de Todos os Santos da Família Franciscana*

  
Don Davide Meli  
Cancelliere



  
†Pierbattista Card. Pizzaballa  
Patriarca di Gerusalemme dei Latini



## Causa de beatificação da Serva de Deus Maria da Trindade: uma luz para o nosso tempo

Desde o dia 30 de abril de 2025 temos a alegria de ter entre as filhas de Santa Clara uma nova Serva de Deus: Ir. Maria da Trindade, Clarissa de Jerusalém! Nesta data, de fato, foi oficialmente aberta a fase diocesana da Causa de beatificação e canonização, sustentada e introduzida pelo Patriarca de Jerusalém dos Latinos, S.B. cardeal Pierbattista Pizzaballa.

Este ato canônico marcou o início da investigação oficial sobre a vida, as virtudes e a fama de santidade da Serva de Deus. Naquela ocasião, o vice-postulador frei Ulise Zarza, ofm, e os membros do Tribunal – mons. Ilario Antoniazzi, Delegado do Patriarca; don Filippo Morlacchi, Promotor de Justiça; e Marina Fischer, Notária – *prestaram “juramento de cumprir fielmente o seu encargo”*<sup>1</sup>, iniciando já nas semanas seguintes as Sessões de escuta das Testemunhas, tanto presentes na Terra Santa como provenientes de outros países, entre os quais Itália, Suíça, França, Inglaterra, Áustria, Brasil, Lituânia, Jordânia e África do Sul.

Simultaneamente, a Comissão histórica, composta pelo Lic. rel. pol. Roberto Poretti, Ir. Mariachiara Bosco, osc, e frei Eduardo Maseo Gutiérrez Jiménez, ofm, foi encarregada de *“procurar e recolher todos os escritos da Serva de Deus ainda não publicados, assim como todos e cada um dos documentos históricos, manuscritos e impressos, que de algum modo se refiram à causa”*<sup>2</sup>.

Tais provas testemunhais e documentais constituem o conteúdo essencial dos Atos que serão enviados ao Dicastério para as Causas dos Santos, para a fase romana da Causa, juntamente com o parecer dos Censores Teólogos encarregados de “examinar” os escritos publicados e inéditos da Serva de Deus e *“verificar que não haja nada contrário à fé*



e aos bons costumes”<sup>3</sup>.

### **A atualidade de sua espiritualidade**

Apesar de terem passado mais de 80 anos desde a sua morte, ocorrida em 25 de junho de 1942, o interesse pela vida de Louisa Jaques/Ir. Maria da Trindade e a irradiação do seu testemunho continuam a crescer. São cada vez mais numerosas as pessoas – sobretudo leigos, mas também religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos – que atestam o interesse e a difusão da sua fama de santidade em diversos países. Este é um dos motivos pelos quais o pedido incessante de abrir a causa de beatificação encontrou acolhida, e os tempos estavam maduros para trazer à luz o fruto de pesquisas e testemunhos recolhidos ao longo dos anos.

O Patriarca Pizzaballa assim se expressou<sup>4</sup>: «Hoje amadureceu o tempo para trazer à luz a vida e o exemplo de uma jovem monja de clausura, Maria da Trindade, que viveu “sem fazer rumor” – como testemunhavam as Irmãs que viveram com ela. Poucos meses após a sua morte, o meu predecessor Luigi Barlassina escreveu, para a primeira edição dos Escritos em 1943: “Deus não pede nada de verdadeiramente extraordinário à Ir. Maria da Trindade; no entanto, quis dela uma correspondência fiel às suas santas inspirações e a generosidade de nada lhe recusar daqueles pequenos sacrifícios que se apresentam ao longo do dia”. Eis o chamado que o Senhor lhe pediu: “*Eu desejo que, na tua morte, se possa dizer: ‘Era uma santa, fez muito bem tudo aquilo que fez’.* Esta perfeição na vida comum é a santidade que eu te peço. Nada mais. E, nesta obra, terás mais do que a minha ajuda: sou eu que a realizarei em ti<sup>5</sup>».

Entre os traços significativos e atuais da espiritualidade da Serva de Deus, o Patriarca destacou quatro<sup>6</sup>: a busca de Deus, a escuta da voz interior, a unidade da Igreja e o voto de vítima vivido como expressão da vida eucarística: «O traço que mais impressiona na Ir. Maria da Trindade é que a sua vida não foi fácil, não foi linear. Por isso muitos a sentem próxima. Conheceu muito cedo o sofrimento do luto, da doença, das separações, das desilusões de ideais e de amores. Conheceu também a noite do desespero que a levou a exclamar: “*Deus não existe e a vida não vale a pena ser vivida*”. Justamente na



hora mais escura abriu-se a brecha que a colocou a caminho. Deixou-se encontrar por Deus. A beleza da nova Serva de Deus está, antes de tudo, aqui: é uma jovem, uma mulher, que buscou o sentido da vida, do amor e da verdade, também tateando, no escuro, sem se cansar.»

Ir. Maria da Trindade nos recorda, depois, uma coisa fundamental: a fé bíblica nasce da escuta. O caminho de vida e de fé foi acompanhado por uma sábia pedagogia do Senhor ao conduzir a Serva de Deus a uma escuta cada vez mais profunda, livre e dócil à Sua voz. Escuta que se tornou para ela escola de fé, de oração, de caridade fraterna, de contemplação da Palavra e da Eucaristia, do mistério escondido em cada alma habitada por Deus e chamada a um diálogo pessoal de amor com Ele.

A vida de Ir. Maria da Trindade, filha e Ir. de pastores protestantes da Igreja Livre suíça de matriz calvinista, é certamente também uma luz para o caminho de unidade da Igreja: o percurso e a decisão de abraçar a fé católica — atraída pelo sacramento da Eucaristia — foram dolorosos, experimentando em sua própria carne a ferida da divisão.

Isso a impeliu a buscar ainda mais o coração da unidade e a encontrá-lo com um respiro nitidamente pós-conciliar, entendido como unidade na caridade e motivo fundante da ação missionária. Sua vida é uma oferta viva pela unidade da Igreja, na oração, na adoração e nos pequenos atos de caridade fraterna.

Enfim, o traço talvez mais difícil de compreender: viver a vida eucarística, que para ela teve o selo do voto de vítima, pronunciado em 8 de dezembro de 1941, poucos meses antes de sua morte, em obediência à voz interior. O coração da experiência espiritual de Ir. Maria da Trindade é também o coração da sua experiência humana.

Tal voto de vítima, de fato, conforme é entendido em seus escritos, significa “viver a vida eucarística”: *“Desejo que o teu voto de vítima te purifique na alma. Desejo que a tua alma se imole, à imitação da minha vida eucarística, no silêncio, no esquecimento, no dom de ti em mim, intercedendo sem cessar, acolhendo toda ocasião de expiação, na*



*alegria*” (Apontamentos n. 638), e ainda: “trabalhar unicamente para difundir o meu Espírito, a minha doçura, a minha amabilidade, que não se detém diante do mal, mas vence o mal com o bem” (Apontamentos n. 366).

### **Centenário da “Noite da conversão”: congresso e mostra**

Entre os acontecimentos mais significativos para a redescoberta da figura de Maria da Trindade, situa-se neste ano o Centenário da “Noite da conversão” (13–14 de fevereiro de 1926), momento decisivo de sua vida. Naquela noite, no ápice de uma profunda crise existencial, Louisa Jaques experimentou um encontro radical com Deus, que marcou o início de um novo caminho, conduzindo-a a abraçar a vocação clariana na Cidade Santa. Por essa ocasião, justamente no sábado, 14 de fevereiro, foi organizado em Jerusalém um dia de estudo e testemunho – “Uma luz na noite”–, acompanhado ao vivo por numerosas pessoas, também graças à tradução simultânea em cinco línguas, além do italiano. Tal congresso, dedicado à leitura teológica e espiritual de sua experiência, foi acompanhado também por uma mostra desenvolvida em 26 painéis, destinada a dar a conhecer seu itinerário humano e místico por meio de fotos, escritos e textos biográficos<sup>8</sup>.

Esses eventos não tiveram apenas valor comemorativo, mas ofereceram uma chave interpretativa para compreender sua experiência como resposta às inquietações do homem moderno.

O caminho da causa de beatificação e as iniciativas culturais e espirituais ligadas ao centenário da conversão estão trazendo novamente à luz uma figura de grande profundidade. Ir. Maria da Trindade apresenta-se hoje não apenas como uma mística do passado, mas como uma companheira de caminho para o presente, capaz de falar ao coração inquieto do homem contemporâneo e de indicar, com a sua vida, um caminho de esperança, de verdade e de amor.

*Ir. Mariachiara Bosco, osc*

Mosteiro San Damiano, Borgo Valsugana, Itália  
monasterosandamiano@pcn.net



<sup>1</sup> *Sanctorum Mater*. Instrução do Dicastério para as Causas dos Santos, 2007, art. 68 §2.

<sup>2</sup> *Idem*, Art. 87 §2.

<sup>3</sup> *Idem*, Art. 64.

<sup>4</sup> Discurso de S.B. Pierbattista Card. Pizzaballa para a Primeira Sessão do Inquérito Diocesano, Mosteiro de Santa Clara, Jerusalém, 30.04.2025. Este discurso foi lido pelo Vigário Patriarcal, Dom William Shomali, em nome do Patriarca, que se encontrava em Roma por ocasião do Conclave

<sup>5</sup> Apontamentos n. 599, em *Colóquio interior*. Edições Terra Santa, Milão, 2015 .

<sup>6</sup> Discurso de S.B. Pierbattista Card. Pizzaballa 30.4.2025

<sup>7</sup> Os Atos do Congresso “*Uma luz na noite*”, com todas as intervenções dos conferencistas, serão publicados nos próximos meses pelas Edições Terra Santa de Milão. No canal do YouTube do Christian Media Center estão disponíveis as gravações.

<sup>8</sup> A mostra “*Atraí-te na noite*” foi realizada pelos jovens da Companhia dos Tipi Loschi de São Pier Giorgio Frassati, de San Benedetto del Tronto (Itália). É possível visitá-la (também com traduções) no site: <https://sites.google.com/view/tihoattiratanellanotte/home-page>.

# Em memória de...

---

## ...frei Thomas Hartle, ofm (1944 - 2026)

No dia 5 de fevereiro de 2026, o Frei Thomas Hartle, ofm, faleceu aos 81 anos de idade. Durante os seus 49 anos como frade, era conhecido como um pastor e líder de retiros espirituais de grande compaixão, dotado de um maravilhoso sentido de humor e de uma profunda alegria, qualidades que levou também ao seu ministério de mais de 20 anos como assistente religioso da Federação do Santo Nome das Clarissas (EUA).

O Frei Tom nasceu na véspera de Natal de 1944, em Clarion, Pensilvânia (EUA). A sua numerosa família era composta pelos pais, Urban e Bessie (nascida Myers) Hartle, e seis irmãos. Cresceu na Pensilvânia, onde realizou os seus estudos, frequentando a Escola de Shippenville, em Shippenville, a Keystone Jointure School, em Knox, a Immaculate Conception High School, em Clarion, e o Gannon College, em Erie.

A 20 de maio de 1971, foi ordenado sacerdote para a Diocese de Erie. Posteriormente discerniu uma vocação à vida religiosa franciscana e foi recebido na Ordem dos Frades Menores a 25 de junho de 1975, professando os primeiros votos um ano depois. Fez a sua profissão solene a 21 de julho de 1979 e foi designado para servir no Centro de Retiros São Francisco, em Rye Beach, New Hampshire. Aí permaneceu até 1990, quando foi enviado para residir no Noviciado do Convento São Francisco, em





Brookline, Massachusetts. Ali continuou a oferecer direcção espiritual, retiros e encontros de formação em diversos lugares, bem como a servir as suas irmãs Clarissas.

Em 1989, o Frei Tom iniciou o seu longo e dedicado serviço à Ordem de Santa Clara. Foi nomeado assistente religioso das irmãs da Federação do Santíssimo Nome de Jesus, mas rapidamente o seu cuidado ultrapassou esse âmbito, alcançando irmãs de todo o país. Em 1994, integrou a equipa do Centro Franciscano de Retiros, em Andover, Massachusetts, e, em 1999, respondeu generosamente ao apelo do seu ministro provincial para assumir a missão de pároco da Paróquia de Santo António, em Butler, Nova Jérсия. No meio das suas numerosas responsabilidades pastorais, continuou a visitar as suas irmãs, celebrando Missas em festas e jubileus, orientando retiros e organizando peregrinações especiais à Itália franciscana. Em 2008, foi novamente nomeado assistente religioso da Federação do Santíssimo Nome de Jesus, serviço que desempenhou incansavelmente até à sua “reforma”, em 2021. À data da sua morte, as visitas às suas irmãs continuavam a preencher a sua agenda.





Ao longo de um ministério que se estendeu por mais de cinco décadas, o Frei Tom conduziu numerosas peregrinações a Itália, ajudando tanto religiosas como fiéis leigos a reencontrarem-se com a sua herança espiritual. Era amplamente respeitado pela orientação de retiros e dias de recolhimento centrados na espiritualidade franciscana, partilhando a sua sabedoria e os seus ensinamentos espirituais com todos os que procuravam orientação. A sua profunda compreensão da espiritualidade franciscana fez dele um guia inestimável para a vida religiosa em geral e para inúmeras comunidades de religiosas em todo o território dos Estados Unidos.

Num vídeo gravado há alguns anos, o Frei Tom refletiu sobre a sua vida como frade. Resumiu a sua vocação numa única palavra: amor. «O caminho franciscano é uma aventura de amor», afirmou, «apaixonar-se por Deus, abrir-se e tornar-se receptivo ao amor que Deus tem por nós.»

À sua maneira, Frei Tom viveu a exortação de Santa Clara a Santa Inês de Praga:

*“Conserva o que tens,  
faz o que fazes e jamais desfaleças.*

*Com passo veloz, passo leve,  
sem que teus pés tropecem, nem sequer o pó do caminho se  
agarre a eles,*

*percorre segura, alegre e decididamente o caminho da  
felicidade, mas com prudência:*

*não acredites nem dêes assentimento a ninguém que queira  
afastar-te deste propósito,  
ou que te coloque obstáculos,*

*para que não cumpras teus votos ao Altíssimo,  
na perfeição à qual o Espírito do Senhor te chamou”*

(2CtaCI 11b-14).

Pela intercessão dos Santos Francisco e Clara, que o nosso irmão descanse em paz e, no dia do

Senhor, ressuscite na glória.

*Fr. Russel Murray, ofm*



## **...frei Herbert Schneider, ofm (1939 - 2026)**

**Tu me indicarás o caminho da vida,  
alegria plena na tua presença (da liturgia dos defuntos)**

O Padre Dr. Herbert Schneider ofm concluiu o seu caminho terreno no dia 11 de março de 2026; agora vive na plenitude da vida. O próprio Deus é agora a sua recompensa pelo seu trabalho e pela sua vida na Ordem Franciscana e a serviço das Clarissas.

A sua vida foi profundamente marcada pela espiritualidade franciscano-clariana.

Em abril de 1991, o padre Herbert tornou-se assistente da federação das Clarissas de língua alemã. Já em outubro de 1991, transferiu-se para Roma como Assistente Geral das Clarissas e, em 1997, foi nomeado Assistente do Ofício pro Monialibus.

O bem das Clarissas estava no seu coração. Com escritos e conferências, padre Herbert procurava aprofundar a espiritualidade de Santa Clara nos mosteiros de todo o mundo. Visitava regularmente, com senso de responsabilidade, os diversos mosteiros. Empenhou-se em preservar muitos mosteiros, sempre que possível, e buscou novos caminhos para isso.

Mesmo após o seu retorno de Roma, padre Herbert continuou a ajudar as Clarissas com os seus conselhos.

Agradecemos ao padre Herbert pelo seu incansável empenho e pedimos a Deus que o recompense pelo seu trabalho.

Kevelaer, 12.03.2026

*Ir. M. Bernadette Bargel, osc*

Presidente da Federação *Caritas Pirckheimer, Alemanha*  
schwesterursula-klarissen@web.de

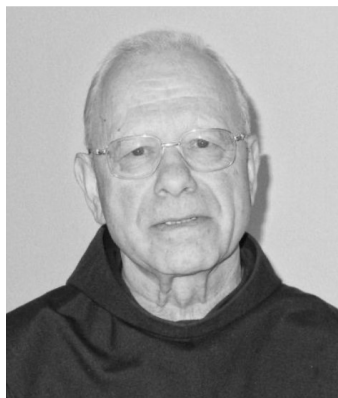


## Como um irmão

A lembrança do frei Herbert que ainda tenho hoje, é aquela de um irmão. Um irmão incansável, sempre em movimento, com a mente e com a vida. Assim o conheci desde a primeira vez que ele veio em Cortona e fizemos acordos de como continuar a publicação do cTc.

São Paulo afirma: “o amor de Cristo nos constrange” (2Cor 5, 14). Também frei Herbert era movido de paixão por Cristo, pela Igreja, pela família francescana... por nós irmãs. Nos anos do seu serviço, acredito que verdadeiramente foram poucas as comunidades que ele não visitou pessoalmente, irmãs que nas suas muitas viagens pelo mundo não as incotrou. Incansavelmente se movia de um continente ao outro, passando do alemão, ao inglês, ao francês, ao espanhol, ao italiano ajudando-se em caso de necessidade, até mesmo com qualquer palavra em latim, afim de comunicar-se com todos. Nas suas viagens, conseguia manter junto a dimensão contemplativa em que acreditava muito, e aquela missionária para chegar até às irmãs.

Obrigada, frei Herbert, pelo bem que você semeou entre nós e por ter alimentado nesses anos a comunhão e a comunicação entre as Irmãs Pobres no mundo.



*Ir. Chiara Benedetta Manzini, osc*  
Mosteiro S. Chiara, Cortona - Itália  
[cortona@sorelleclarisse.org](mailto:cortona@sorelleclarisse.org)

# Nós recebemos

---

## Duas publicações em torno do *Audite poverelle* nos códices de Novaglie

As clarissas sacramentinas de Novaglie, que, de forma única, conservam em duas versões o texto do *Audite poverelle* de São Francisco para Clara e suas irmãs, quiseram celebrar o VIII Centenário destas “palavras com melodia” com um estudo aprofundado e a publicação integral dos três códices “clarianos” do seu arquivo.

O projeto, inicialmente modesto e referente apenas ao códice do século XIV, foi confiado à competência do pe. Aleksander Horowski ofmcap, que também indicaria colaboradores, entre eles algumas clarissas. No decorrer do trabalho, de fevereiro de 2024 até a publicação, o projeto foi se ampliando gradualmente, alcançando tal riqueza que resultou em dois preciosíssimos volumes, publicados com poucos meses de diferença, em 2025 e 2026, pelo Istituto Storico dei Cappuccini de Roma. — Um agradecimento de coração à madre Maria Rossi de Novaglie e às suas irmãs, e ao pe. Horowski, pela abertura constante a novas perspectivas que iam surgindo.

O primeiro volume, *L’Audite poverelle otto secoli dopo. Il cantico di san Francesco d’Assisi e i codici del monastero di Novaglie* (Bibliotheca seraphico-capuccina, 117, Roma 2025, 519 p. il.), é composto de três partes:

1) Após a apresentação, na qual madre Maria di Gesù e ir. M. Flavia Cavazzana narram a “redescoberta” do *Audite poverelle* nos anos 70 do século passado e a história dos códices, segue-se o ensaio desta última sobre a história dos mosteiros vênéticos até o mosteiro de Novaglie, onde os códices acabaram reunidos. No segundo ensaio, o pe. Aleksander Horowski descreve os códices juntamente com alguns códices “auxiliares” pertencentes a uma mesma rede de transmissão da regra própria de Clara em língua vulgar e de outros textos



importantes para os mosteiros, todos posteriormente apresentados em uma tabela.

2) A segunda parte traz a transcrição integral dos três códices, como “companheiros de viagem” — segundo uma expressão de J. Dalarun — das duas versões do *Audite poverelle*.

3) A terceira parte reúne diversos ensaios, entre eles três do pe. Horowski sobre textos jurídicos — o singular texto sobre a *Legislação para os conversos das Clarissas Urbanistas* e o fragmentário das *Ordenações das Clarissas de Verona* — e trata do “dossiê jurídico das clarissas da Observância”

Ir. Monica Benedetta Umiker, osc apresenta a tradução em vulgar da Regra de Clara, que em todos os testemunhos vênето-lombardos traz a bula *Tenorem quarumdam* do papa Clemente VI, de 1343.

Não se conhecem o tradutor nem o copista, mas, em seu Excursus, Cristina Campo demonstra que as clarissas veronesas certamente teriam sido capazes de realizar tal trabalho. Milvia Bollati estuda as duas miniaturas contidas no códice do século XIV, comparando-as com os programas iconográficos de outros manuscritos medievais.

Marco Guida apresenta *A recordação de Francisco nos escritos de Clara*, enquanto Felice Accrocca relê o *Audite poverelle* nas fontes biográficas, em particular na *Compilatio*, “voz dos companheiros”, segundo o manuscrito de Uppsala.

Com sua contribuição filológica, Antonio Montefusco e Alessia Luvisotto chegam a confirmar a autenticidade do *Audite* e a propor uma edição crítica dos dois testemunhos sobreviventes. Por fim, ir. Chiara Grazia Centolanza oferece uma profunda leitura teológica e espiritual do canto de Francisco para Clara e suas irmãs até os dias de hoje. Um *Olhar de conjunto* do pe. Horowski conclui esta terceira parte.

Também estava previsto para a terceira parte o ensaio da prof. Bartolomei Romagnoli sobre a normativa das clarissas, mas, pela riqueza da exposição, ele acabou se tornando um segundo volume, intitulado *Nel segno di Chiara. Le Regole delle Clarisse dalle origini al Concilio di Trento* (Roma, 2026, 435 p.). Em quatorze capítulos, a autora expõe a vida religiosa feminina, especialmente aquela ligada de diversos modos a

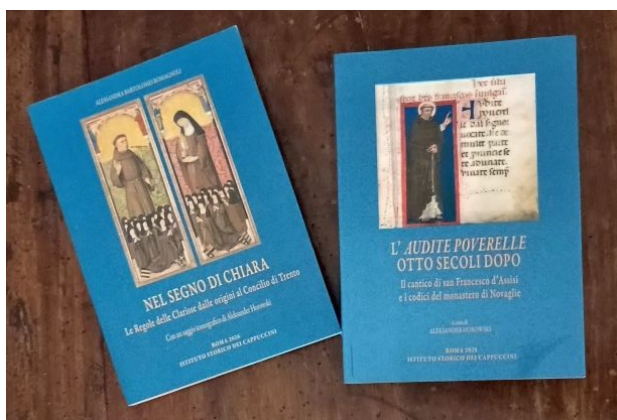


Clara de Assis, desde o início do século XIII até o século XVI, com as várias regras e constituições que a organizaram: da *forma vitae* do cardeal Hugolino (também com seu percurso histórico) às Regras de Inocêncio IV, Clara, Urbano IV e Isabel da França, passando por estatutos e ordenações, até o tempo das Observâncias, com a reforma de Colette e a “redescoberta” da *forma vitae* de Clara.

A exposição é clara, e as notas são amplas e precisas, com referências a estudos anteriores e à bibliografia internacional. Como uma espécie de coroamento da exposição de Bartolomei Romagnoli, o pe. Horowski completa o volume com uma inédita exemplificação iconográfica sobre *As clarissas em algumas “Árvores Seráficas”*. Vale para os dois volumes aquilo que ele afirmara ao final do primeiro:

“Chegamos à conclusão deste percurso de estudo e pesquisa que nos permitiu abrir algumas janelas sobre a legislação, (acrescento: a história), a espiritualidade e a cultura das Clarissas... mas, antes de tudo, aproximou-nos de sua vida comunitária e de seus valores, cultivados ao longo dos séculos dentro dos muros dos claustros.”

*Ir. Monica Benedetta Umiker, osc*  
Mosteiro Clarisse S. Maria di Monteluçe  
in S. Erminio, Perugia, Itália  
m.sermin@gmail.com





## **Somos um Povo em Caminho. Peregrinação-Estudo Franciscano – Lugares, acontecimentos e pessoas: dom da Graça**

A peregrinação é uma preciosa e autêntica conexão não apenas com os lugares, mas também com as pessoas, que desemboca em uma comunhão de coração.

No ritmo do Programa da Peregrinação-Estudo Franciscano, com duração de três semanas, tornado possível como um dom por parte da comunidade das Clarissas de Langhorne, da Federação das Clarissas dos Estados Unidos e do Programa de Peregrinações Franciscanas, não faltaram numerosas ocasiões para cultivar os dons do amor fraterno e sororal. Em todos os lugares, entre todas as pessoas e acontecimentos, o Senhor nos cumula de bens. A seguir, algumas partilhas de sinais memoráveis de lugares, pessoas e acontecimentos maravilhosos do riquíssimo Programa da Peregrinação-Estudo Franciscano (FSPP) de 2024 e 2025.

Foi a minha primeira vez em peregrinação sozinha, como Clarissa de Langhorne, Pensilvânia, rumo a esta cidade tão significativa, em 2024. Minha irmã biológica, Maria Fe Sison Strong, viajante experiente e de confiança, foi minha companheira de peregrinação. Ambas aguardávamos com alegria este tempo especial juntas e havíamos planejado saborear muitos “gelatos”!

No dia da chegada a Roma, em 8 de setembro, foi entregue a cada peregrino o Tau, sinal visível e compromisso com a espiritualidade de São Francisco, feita de contínua transformação da vida. No dia 11 de setembro, “Irmã Morte” chegou aparentemente cedo demais para acompanhar minha irmã em sua passagem à presença de nosso Senhor misericordioso. Meus companheiros de peregrinação de 2024 ofereceram-me o conforto da oração e da Santa Missa. Embora alguns tivessem conhecido Fe apenas brevemente, logo se



sentiram à vontade com ela. Encontrar-me diante da morte de uma pessoa querida, que cuidou de mim e me acompanhou em tantos momentos decisivos da vida, deixou-me em uma condição frágil e difícil, enfrentando algo que não se pode descrever, explicar ou compreender plenamente.

Foram tomadas as providências necessárias para o retorno de Fe a Los Angeles, para a vigília fúnebre e o funeral. Foi difícil concentrar-me na peregrinação e, por fim, não continuei a de 2024, para poder estar com minha família, com os muitos amigos e colegas de Fe.

Em 2025, Ano Jubilar da Esperança, tive a oportunidade maravilhosa e cheia de graça de participar novamente e, desta vez, concluir a peregrinação FSPP, de 7 de setembro a 1º de outubro. Atravessar as Portas Jubilares da Esperança foi um acontecimento significativo, símbolo da imensidão da misericórdia de Deus. Admiramos a magnífica arquitetura de três Basílicas com a Porta Santa: Basílica de São Pedro – onde foi celebrada a Missa pelo responsável da peregrinação, pe. Russel Murray, junto ao túmulo de São Pedro; Basílica de São João de Latrão, a Igreja-mãe da fé católica – onde São Francisco e seus companheiros se dirigiram para obter a aprovação de sua forma de vida do papa Papa Inocêncio III, que teve a visão da Igreja prestes a desabar sendo sustentada pelos ombros de Francisco; Basílica de Santa Maria Maior, o maior santuário mariano de Roma – onde rezamos junto ao simples local de sepultura do papa Papa Francisco.

Audiência geral de quarta-feira com o papa Papa Leão XIV. A reflexão do Papa é significativa em tempos tão difíceis: «Queridos irmãos e irmãs, aprendamos também isto do Senhor Jesus: aprendamos o grito da esperança quando chega a hora da prova extrema.

Não para ferir, mas para nos entregarmos confiantes. Não para gritar contra alguém, mas para abrir o coração. Se o nosso grito é autêntico, pode ser o limiar de uma nova luz, de um novo nascimento.»

O Vale de Rieti é o lugar que São Francisco frequentava para pregar e rezar. Possui uma forma cruciforme: ao Norte encontra-se Poggio Bustone, onde Francisco experimentou



solidão, perdão, paz e pregação. Aqui ele utilizou pela primeira vez a famosa saudação: “Bom dia, boa gente”.

Ir. Nancy nos saudava do mesmo modo durante as viagens de ônibus. Outra expressão significativa é “Pax et Bonum” (Paz e Bem).

A leste do Vale Reatino: La Foresta, onde Francisco buscou novamente a solidão, é conhecida pelo milagre da restauração da vindima das uvas, graças à confiança na misericórdia do Senhor. Na festa da Exaltação da Santa Cruz, a oeste do Vale Reatino, visitamos Fonte Colombo, que significa “a fonte das pombas”, lugar de solidão de Francisco e onde foi redigida a Regra dos frades. Aqui ele sofreu a cauterização dos olhos, com o fogo tornado suave pela oração.

Renovamos nosso compromisso de viver o Evangelho segundo o espírito franciscano na Gruta de São Miguel. Nossos três guias da peregrinação – Ir. Nancy, pe. Russel Murray e pe. Joe – assinaram como testemunhas. Toquei o sino, símbolo do chamado à oração comunitária, como fazemos no mosteiro de Langhorne e como fazia, em seu tempo, São Francisco com seus irmãos.

São Boaventura, figura-chave franciscana, buscou incansavelmente a Deus, segundo expressou o papa emérito Papa Bento XVI. A oração do Doutor Seráfico testemunha um amor que todos deveríamos desejar: «Sê, Tu, somente, minha esperança, ... minha alegria, meu repouso, minha paz, minha doçura, meu alimento, meu refúgio.»

Visitamos o seu lugar de nascimento e caminhamos até Civita di Bagnoregio. Greccio, ao sul de Rieti, é conhecido como a “Belém franciscana”, onde São Francisco reviveu a cena da manjedoura. Os maravilhosos presépios do Museo Internazionale del Presepe fazem respirar o sentido do Natal durante todo o ano.

Pe. Russel Murray guiou-nos pelo Santuário do Presépio, pela gruta e pelo antigo convento. Falou também da visão da Encarnação de João Duns Scotus, que inclui a Virgem Maria como redimida e como nave que acolhe e conduz a Cristo; separar-se de Cristo significa destruir tanto a comunidade, quanto a família e qualquer outro contexto. Em última análise,



todos somos um no amor de Deus. O encanto de Assis é esplêndido ao amanhecer, durante o dia e à noite. Percebe-se um vínculo profundo com os lugares percorridos pelos santos Francisco e Clara. Na Rocca Maggiore rezamos, alternando-nos com orações pela paz provenientes de diversas tradições religiosas, fornecidas por Ir. Joanne Schatlein, osf. Mais tarde, fizemos uma parada na Ponte de Madeira de Collestrada e recordamos as regiões do mundo em guerra, rezando a oração pela Paz de São Francisco.

Em Santa Maria Maior vimos Carlo Acutis, juntamente com uma contínua multidão de peregrinos. As exposições do Cântico das Criaturas e do Museu da Memória foram uma experiência envolvente para todos os nossos sentidos. Da mesma forma, contemplamos os cinco elementos da natureza a partir da paisagem voltada para o oriente: terra, madeira, fogo, água, ar (e, às vezes, metal).

Em Bastia cantamos e rezamos abraçados à pedra, que recorda a cena da vida de Santa Clara de Assis na qual ela se agarra ao altar, sinal de sua pertença à Igreja. Permanece uma pergunta: a que ou a quem nos agarramos? Eu e Ir. Mary Francis Revelian renovamos os votos durante a Missa presidida por frei Joe.

A Porciúncula é um ponto luminoso de encontro das vidas de Francisco e Clara. «O Senhor é a minha herança e o meu cálice. Tu és o meu resgate» ressoa no coração, na mente e



no espírito. Aqui Francisco acolheu Clara. Em São Damião rezamos na capela onde Francisco ouviu Cristo falar-lhe da cruz: «Vai, Francisco, repara a minha casa que, como vês, está em ruínas». Foi aqui que São Francisco profetizou que as Pobres Damas viveriam para seguir os passos de Cristo. E foi aqui que Clara viveu durante quarenta anos.

Na Basílica de Santa Clara



vimos o crucifixo original de Cruz de São Damião e rezamos junto à relíquia da santa. As cores da Cruz de Benedetta, abadessa após Santa Clara de Assis, possuem profundos significados simbólicos que nos foram explicados por frei Joe; por exemplo, o azul é símbolo do céu e o ouro da eternidade.

Além disso, nós duas clarissas dos Estados Unidos, eu e Ir. Mary Francis Revelian, encontramos as Clarissas do Protomosteiro de Assis. Procuramos acompanhar as Laudes matutinas em italiano, enquanto as irmãs cantavam os Salmos com suas emocionantes e angelicais vozes.

A oração da tarde e a adoração com as irmãs do Mosteiro de San Quirico foram edificantes e especiais, acompanhadas pela lira, instrumento musical de cordas.

A viva encenação da história do leproso e da conversão de São Francisco, realizada pelos meus companheiros de peregrinação, elevou ambas as histórias a algo que ia muito além de um simples texto de leitura.

No Eremo delle Carceri, no Monte Subásio, Francisco e seus companheiros rezavam na solidão. Foi ali que ele buscou o conselho de frei Silvestre e de Santa Clara de Assis para decidir qual caminho seguir entre a pregação e a contemplação no seguimento de Cristo.

O tempo pessoal de silêncio na capela foi um momento profundamente tocante do ponto de vista espiritual.

O caminho vivido por Santa Clara de Assis, através das reflexões de Ir. Nancy, gerou uma profunda conexão entre mim e Santa Clara. Ter percorrido seus passos com os companheiros de peregrinação foi e continuará sendo um tesouro precioso.

Durante a visita a Cortona conhecemos a figura de Santa





Margarida de Cortona, que realizou tantas obras de caridade, e cuja figura não pode ser simplesmente confinada ao passado. Tivemos o privilégio de viver a Celebração Eucarística junto às alegres irmãs Clarissas do Mosteiro de Cortona, incluindo as comemorações por Ir. Eleonora e pelos 97 anos de Ir. Fortunata.

A Missa sobre o túmulo de São Francisco de Assis foi indescritível. Ter visto o lugar onde Francisco recebeu os estigmas, na Capela de La Verna, fez meu coração exultar de alegria em silencioso louvor ao Senhor. Os peregrinos de 2025 do FFSP, inicialmente desconhecidos entre si, tornaram-se uma pequena comunidade através das refeições partilhadas, da convivência à mesa, dos grupos de trabalho para a preparação da liturgia e do apoio e paciência mútuos durante a viagem e as diversas dificuldades.

A semente do Amor foi plantada por nosso Senhor, dispensador da Graça, no lugar sagrado do coração de cada um de nós.

Que cada um de nós possa compartilhar amor e benevolência em nossos lugares de origem e no cotidiano de nossa vida, muitas vezes ao dia.

“Bom dia, boa gente!”

*Ir. Maria Ramonita M. Sison, osc*  
Mosteiro St. Clara, Langhorne, EUA  
[nette\\_sison@yahoo.com](mailto:nette_sison@yahoo.com)





## 50º aniversário da canonização de Santa Beatriz da Silva

Para a Ordem da Imaculada Conceição, este ano de 2026 possui uma ressonância singular, pois celebramos duas efemérides relacionadas com a nossa fundadora, Santa Beatriz da Silva: 100 anos de sua beatificação e 50 anos de sua canonização. Por esse motivo, a Penitenciaria Apostólica concedeu à Ordem um Ano Jubilar, tempo especial de graça e de salvação, em qualquer uma das igrejas conventuais espalhadas pelo mundo: Espanha, Portugal, América, Índia e Guiné Equatorial.

Por um lado, as Federações e cada mosteiro em particular organizaram diversos atos. Por outro, a Confederação “Santa Beatriz da Silva” da Espanha e de Portugal preparou dois Encontros Internacionais para os meses de maio e setembro em dois lugares significativos da vida da santa: onde nasceu, Campo Maior (Portugal), e onde viveu, morreu e está sepultada, em Toledo, na Casa Mãe da Ordem.

Pode surpreender que Beatriz da Silva, dama portuguesa que viveu grande parte de sua vida em Castela no século XV, que consagrou toda a sua vida a Deus e a honrar a conceição imaculada de Maria, fundando uma família religiosa na Igreja, tenha demorado tanto para ser elevada aos altares. Certamente passou-se um longo tempo de maturação, muito posto à prova e adiado durante séculos, momento muito desejado por suas filhas. É como se o véu que cobriu o belo rosto de Beatriz durante sua existência na terra continuasse a velá-la aos olhos do mundo e quisesse deixar-nos uma mensagem de silêncio, de passar despercebida, sempre oculta, escondida com Cristo Redentor em Deus, fixando o olhar em Maria Imaculada, porque o essencial permanece oculto aos olhos do mundo.

Como bem recolhe a Positio sobre sua vida e virtudes, sua fama de santidade manifestou-se tanto em vida — pois uma luz especial parecia envolvê-la: sua beleza exterior refletia a transparência de uma alma enamorada de Deus que irradiava paz e pureza — quanto em sua morte, na qual curiosamente se manifesta o sinal da Transcendência: a Luz.

Ao levantar o véu branco que sempre cobria seu rosto para lhe



administrar a unção, parecia envolta em perfume de santidade; seu rosto apareceu resplandecente e na fronte viram uma estrela, sinal celeste mariano. Do mesmo modo, o culto prestado aos seus restos mortais — que chegaram inclusive a ser roubados por outra família religiosa — demonstra a fama de santidade que possuía.

Essa fama continuou a propagar-se, porém sem reconhecimento oficial. Em 1634, a proibição do Papa Urbano VIII do culto aos santos que não estivessem reconhecidos pela Igreja, ou que não fossem venerados havia mais de cem anos, constituiu um obstáculo que a Ordem quis superar rapidamente, iniciando um processo canônico em Toledo (1636) para demonstrar que o culto a Beatriz da Silva existia havia mais de cem anos.

Assim o testemunharam as monjas concepcionistas, dominicanas e comendadoras, juntamente com outros leigos: Beatriz foi verdadeiramente uma santa, dotada de todas as virtudes em grau heroico, e tanto em sua vida como depois de sua morte acreditavam que gozava de especial predileção da parte de Deus, recorrendo à sua intercessão em doenças e outras dificuldades. Entretanto, esse processo não foi concluído, sem que se conheçam os motivos, embora a fama de santidade de Beatriz continuasse a difundir-se entre os fiéis, inclusive entre historiadores e pintores, que começaram a representar a Imaculada vestida de branco e azul, como na visão que Beatriz teve quando esteve encerrada em um baú em um momento forte de sofrimento — hábito que identifica suas filhas.

Passam-se dois séculos em absoluto “silêncio canônico”, e no final do século XIX o Espírito suscita um instrumento que impulsiona a retomada do processo de beatificação: Madre Teresa de Jesus Romero, concepcionista de Hinojosa del Duque (Córdoba). Ela promove a união espiritual e econômica de todos os mosteiros da Ordem para essa causa, conseguindo que em 1910 se retomasse o processo de beatificação em Madrid, pelo procedimento de culto imemorial. Cinco anos depois declarou-se, com autoridade pública, que o culto a Beatriz existia desde tempos imemoriais.

Conseguido esse passo, o processo chegou a Roma, onde a Sagrada Congregação dos Ritos, após examinar tudo, confirmou a sentença do juiz de Toledo em 27 de julho de 1926. No dia seguinte, 28 de julho, o Papa Pio XI proclamou-a beata, reconhecendo nela que sua santidade havia permanecido como um perfume invisível no coração da Igreja.



E novamente passaram vários anos até que, graças às petições de muitos fiéis, em 1950 a Sagrada Congregação decretou que a Causa fosse retomada. Depois dos trâmites e do reconhecimento de dois milagres obtidos por sua intercessão no México — um deles em favor de uma monja concepcionista — chegou-se finalmente ao momento em que, em 3 de outubro de 1976, o Papa Paulo VI a canonizou solenemente.

Sua canonização foi mais do que um reconhecimento histórico: foi uma voz profética para os nossos tempos, recordando-nos o valor eterno da vida oculta, a pureza do coração e a devoção simples a Maria Imaculada. Sua mensagem é clara: somente quem se esconde em Deus pode resplandecer com a sua Luz. Sua vida de silêncio, humildade e amor mariano continua a brilhar como uma chama pura que acende os corações e recorda ao mundo que toda escuridão pode tornar-se luz quando se confia plenamente em Deus. Nós, concepcionistas, proclamamos nossa gratidão e louvor a Deus por sua obra de misericórdia em nossa Madre, pelo triunfo de Cristo ressuscitado em sua vida. Mais do que comemorar datas, trata-se de renovar profundamente a alegria e a ação de graças pela santidade que a Igreja reconheceu na vida e na obra de Beatriz; renovar em nosso coração essa presença materna e olhar com esperança para este momento histórico, no qual nós somos responsáveis por atualizar a experiência espiritual que ela iniciou: a memória e a honra do mistério da Conceição Imaculada de Maria, ícone que marca o nosso ser concepcionista.

E terminamos com um fragmento da homilia do Papa no dia da canonização: “Esta nobre senhora que viveu tantos anos com o belíssimo rosto coberto por um véu permite-nos hoje contemplar o seu rosto radiante de santidade e de glória e volta a irradiar-nos a ideia da beleza espiritual, a da graça que transfigura o pobre rosto humano...”

Admiremos, alegremo-nos e procuremos que a auréola desta nova santa Beatriz — que assim se chama — difunda também sobre a nossa sociedade raios de beleza celestial, da beleza da Virgem.” (Paulo VI)

Santa Madre Beatriz, rogai por nós!

Ir. Nuria Cano , oic

Mosteiro Inmaculada Concepción, Cuenca, Espanha  
nuriacanojaen@gmail.com

# Notícias do Ofício Pro Monialibus

---

## Federação Flamengo “Santa Clara – Santa Coleta”, Bélgica

Em 27 de maio de 2025, a Federação Flamengo “Santa Clara – Santa Coleta” realizou sua Assembleia Federal e celebrou eleições para um novo Conselho Federal e Presidente. Alegrou-nos muito que o padre Theo Van Adrichem, ofm (Ministro Provincial dos Frades dos Países Baixos e de Flandres), dirigisse a assembleia e presidisse as eleições.

Em um ambiente de fraternidade muito agradável e com grande unanimidade:

a *Ir. Elisabeth Schonken* (das Clarissas de St-Truiden) foi eleita presidente;

a *Ir. Martine Van de Walle* (das Clarissas de Oostende)

e a *Ir. Greet Van Belleghem* (das Clarissas de Stabroek) foram eleitas como membros do Conselho,

e a *Ir. Sabine van der Weyden* foi convidada (e aceitou) a continuar sendo nossa Secretária da Federação.



## Federação “Maria Imaculada”, EUA

“Que possamos sempre amar-nos umas às outras”

O dom da Federação aprofunda o amor fraterno

A Assembleia Federal trienal da Federação das Clarissas de Maria Imaculada nos Estados Unidos da América foi realizada de 8 a 15 de outubro de 2025, em Los Altos Hills, Califórnia. Cada um dos doze mosteiros membros esteve representado por sua abadessa e uma delegada, e o desejo do nosso Pai São Francisco de que “nos amemos uns aos outros” encontrou verdadeira expressão em nossos dias juntos, sendo que cada capitular destacou, ao final, o quanto o espírito de amor fraterno foi profundamente vivido ao longo de todo o encontro.

Uma alegria muito especial da assembleia da federação é a partilha que acontece de modo pessoal entre as capitulares, antes, depois e nos intervalos das sessões, e em todos os momentos livres possíveis! Essas partilhas, muitas vezes realizadas ao ar livre, na beleza do jardim do Mosteiro de Los Altos, aprofundam nossa unidade fraterna no ideal que compartilhamos e nos enriquecem com um maior conhecimento de cada comunidade federada.

O apoio mútuo encontrado em nossa federação nos ajuda a fortalecer esse vínculo de amor, por meio do qual a Luz de Cristo resplandece intensamente para todo o mundo.

Resultados das Eleições Trienais de 2025 da Federação das Clarissas de Maria Imaculada nos Estados Unidos da América:

*Presidente Federal: Madre Maria Angela* (Roswell, Novo México)

*Primeira Conselheira Federal: Madre Maria Giovanna* (Belleville, Illinois)

*Segunda Conselheira Federal: Ir. Miriam* (Kokomo, Indiana)

*Terceira Conselheira Federal: Madre Marie Colette* (Los Altos Hills, Califórnia)





## Federação “Imaculada Conceição” dos mosteiros da Ordem da Imaculada Conceição, Brasil

Em 29 de janeiro de 2026 foi eleito o novo governo da Federação Imaculada Conceição dos mosteiros da Ordem da Imaculada Conceição no Brasil para os próximos 6 anos.

O Conselho foi eleito pela representação de 11 Mosteiros presentes em Assembleia Federal Eleitiva 2026:

- Presidente: *Madre Beatriz Maria* (Fortaleza)
- Vice-presidente: *Ir. Lindinalva* ( Salvador)
- II conselheira: *Madre Eleusa Maria* (Jatã)
- III conselheira: *Madre Aparecida* (S. Paulo)
- IV conselheira: *Ir. Francisca Beatriz* ( Piratininga)

Confiamos as irmãs às orações de vocês para que possam continuarem sob a guia do Espírito Santo e a proteção de nossa Mãe Imaculada.





## Federação “Imaculada Maria”, Colômbia

De 10 a 17 de fevereiro realizou-se a XVII Assembleia Federal Ordinária da Federação de Clarissas da Colômbia, na qual foi eleito o governo federal para o sexênio 2026–2032. Reunimo-nos na Casa San Pablo da Província da Santa Fé, no município de Itagüí – Antioquia.

Durante esta assembleia estiveram presentes 62 irmãs, provenientes de 32 mosteiros da Federação.

Nos primeiros dias, foram apresentados os relatórios da presidente federal, da ecônoma e da equipe de formação, encontrando grande aceitação e avaliações muito positivas por parte da assembleia.

Realizamos dois dias de formação sobre os projetos de vida pessoal e comunitária, refletindo sobre a necessidade de continuar acompanhando os mosteiros que já os elaboraram.

Com alegria, recebemos a visita do Padre Provincial da Santa Fé da Colômbia, fr. Alirio Urbina Rodríguez, ofm, e do Visitador Geral para a visita canônica da Província, fr. Sandro Roberto D’Acosta, ofm.





Vivemos esta assembleia em verdadeiro espírito fraterno, partilhando as experiências de cada mosteiro e reconhecendo os desafios que devemos assumir nos próximos anos.

Governo Federal para o sexênio 2026–2032:

Presidente:

*Madre Leidy de Nossa Senhora do Rosário, osc*

Conselheiras:

*Ir Maria Fernanda de Jesus Misericordioso, osc*

*Ir Magda Constanza da Paixão, osc*

*Ir Maria Eunice do Menino Jesus, osc*

*Ir Maria Rosa do Paraíso, osc*

Ecônoma Federal:

*Ir Maria Hilda de São José, osc*

**Convidamos as Federações  
que celebram  
suas Assembleias eletivas  
a nos enviarem os nomes  
das Irmãs eleitas  
e dos seus Mosteiros,  
para podermos publicar  
na nossa Revista e na *Acta Ordinis*  
Obrigada!**



**Agradecemos de coração** às irmãs e aos irmãos que contribuíram para a realização deste nº 67 da Revista.

Lembramos que o **cTc 68** será publicado em **dezembro de 2026**.

Até o mês de **setembro de 2026** aguardamos testemunhos, reflexões e relatos de experiências...!

**Tema: ««Amem-se observem sempre nossa senhora a santa pobreza»»: o dom e os desafios de viver pobres**  
(cf. Testamento de Siena).



✓O arquivo completo da revista está disponível na página:

<https://www.ofm.org/ufficio-pro-monialibus.html>

✓Para doações que apoiam a revista cTc:

**IBAN: IT06 0030 6925 4071 0000 0000 189**

**BIC: BCITITMM**

especificando o local onde o mosteiro está situado.

“

## ♦ ***À vossa atenção***

Enviar as **contribuições** para o FUNDO CLARISSE por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA**.

Para efeitos contabilísticos, é favor enviar uma cópia da transferência bancária por correio eletrónico **moniales@ofm.org**

|                                  |                                                                                     |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Banco:</b>                    | <b>Banca Popolare di Sondrio</b><br>Sede di Roma<br>Viale Cesare Pavese, 336 - Roma |
| <b>IBAN:</b>                     | <b>IT53E0569603211000004794X45</b>                                                  |
| <b>Denominação:</b>              | Casa Generalizia Ordine Frati Minori                                                |
| <b>BIC-SWIFT:</b>                | POSOIT22                                                                            |
| <b>Endereço do beneficiário:</b> | Via Santa Maria Mediatrice, 25<br>00165 Roma - Italia                               |
| <b>RAZÃO</b>                     | <b>(Fondo Clarisse – Voce FFI)</b>                                                  |

# OFM

ORDO FRATRUM MINORUM

**Comunhão e Comunicação**

Número 67 | Junho 2026